

FERNANDES COSTA

O POEMA DO IDEAL

INTERMEZZO LIRICO

II

1894

LIVRARIA CHARDRON
M. LUGAN, SUCCESSOR
PORTO

LIVRARIA DE A. M. PEREIRA
50, 52, Rua Augusta, 52, 54
LISBOA

O POEMA DO IDEAL

DO MESMO AUCTOR

OBRAS POETICAS

<i>O Livro das Soledades</i> , 1 vol.....	600 rs.
<i>Alguma Cousa</i> , versão completa do poeta Bartrina, vol. 57 da Bibliotheca Universal Antiga e Moderna.....	100 rs.

PROMPTAS A IMPRIMIR

- O Livro dos Cantares*, 1 vol.
*A Lyra Simple*s, cancionero de trovas e coplas, 2 vol.
Humoradas, de Campoamor; versão completa, 1 vol.
Flôr de Enamorados, romanceiro peninsular, 1 vol.
Musa Gallega, popular e culta, 1 vol.

FERNANDES COSTA

O POEMA DO IDEAL

INTERMEZZO LIRICO

II

1894

LIVRARIA CHARDRON
M. LUGAN, SUCCESSOR
PORTO

LIVRARIA DE A. M. PEREIRA
50, 52, Rua Augusta, 52, 54
LISBOA

LISBOA
TYPOGRAPHIA E STEREOTYPIA MODERNA
1894

SEGUNDA PARTE



Rapariga, na rua, cantando :

I

A gente começa a vida,
Logo que o dia amanhece ;
Mas diz, tanta vez, á tarde :
«Se eu soubesse ! Se eu soubesse !»

Deus bem podia
Recomeçar,
De novo, o dia !

2

Coitado de quem não soube,
E que o dever reconhece ;
Só desafoga dizendo :
«Se eu pudesse ! Se eu pudesse !»

Deus bem podia
Aconselhar
Quem não sabia !

3

Mas quando a gente se vence,
E ninguém nos agradece,
Dá vontade de pensar :
«Se eu quizesse ! se eu quizesse !»

Deus bem podia
Recompensar
Quem se vencia !



Canção das azas brancas

Oração da esposa

1

Azas brancas ! azas brancas !
Nunca amor do inferno as tisne !
O' paladino dos sonhos !
O' cavalleiro do cysne !

Voae de leve !
E sempre brancas,
Azas de neve !

2

Azas brancas ! azas brancas !
Quando as hei de, enfim, abrir,
Nos immensos ceus azues,
Para Amor vos não partir ?

Voae de leve !
E sempre brancas
Azas de neve !

3

Azas brancas ! azas brancas !
Com que eu hei de, finda a vida,
Entrar voando no ceu,
Sem uma penna perdida !

Voae de leve !
E sempre brancas,
Azas de neve !

4

Azas brancas ! azas brancas !
Que no berço recebi ;
Para entrar no côro angelico,
Eu, de branco, me vesti.

Voae de leve !
E sempre brancas,
Azas de neve !

5

Azas brancas ! azas brancas !
Quem distinguil-as pudera !
São refalsas, fingem brancas,
Azas brancas da chimera !

Voae de leve !
E sempre brancas,
Azas de neve !

6

Azas brancas ! azas brancas !
Que são todo o meu fulgor ;
Nunca toquem na ventura,
Porque as mancha sempre amor !

Voae de leve !
E sempre brancas,
Azas de neve !

7

Azas brancas ! azas brancas !
Nunca amor do inferno as tisne !
O' paladino dos sonhos !
O' cavalleiro do cysne !

Voae de leve !
E sempre brancas,
Azas de neve !



Attricção

I

N'um dos sótãos do solar,
Era a velha livraria ;
Obras de monges e frades,
Livros de cavallaria.

Altas cadeiras,
Ali a tinham,
Horas inteiras.

2

Uma tarde, ao pôr do sol,
Tirou ella d'um recanto,
Um romanceiro esquecido
Nas estantes de pau santo.

Contos perdidos,
Lendas d'amor
Dos tempos idos.

3

Abriu o livro, ao acaso,
N'uma pagina amarella ;
Começou lendo . . . Era noite,
Chegou-se mais á janella.

Já mal se via ;
O conto breve
Assim dizia :



Romance da castellã namorada

Desce a ponte levadiça
Onde vae a cavalgada ?
Parte o conde e os seus ginetes,
Para distante algarada.

*

Volta-se o conde tres vezes,
Antes da curva da estrada ;
Acenava um lenço branco,
Da torre mais elevada.

*

N'aquella janella esteve,
Até ser noite chegada,
A mesma figura branca,
Como quem fica pasmada.

*

A dama do lenço branco,
Era por todos chamada,
De sete leguas em torno,
A castellã namorada.

*

Eis que chega, ao outro dia,
Sem bandeira desfraldada,
Outro conde, inda parente,
Que vinha a pedir pousada.

*

Desce a ponte levadiça ;
A visita sóbe a escada.
Já mui distante d'ali,
Anda o conde na algarada.

*

Ninguém soube, no castello,
Quantas horas de pousada,
Teve o conde, inda parente . . .
Pois não sahiu pela escada.

*

Mas já hoje são volvidos,
Quinze dias de jornada ;
Já se vê poeira ao longe ;
Volta o conde da algarada.

*

Os cavallos já relinham,
Chegam á curva da estrada ;
Como acena o lenço branco,
Da mesma torre elevada !

*

Mas o conde não attenta
Na figura ali pasmada ;
Traz a viseira cahida,
Traz a rédea abandonada.

*

Desce a ponte levadiça,
Sobe o conde pela escada ;
Como traz o nosso conde
Sua fronte annuveada !

*

Manda o conde que já desça
A castellã namorada,
Que recebeu, elle auzente,
Outro conde de pousada.

*

Desce ao salão a condessa ;
Mas como vem transtornada !
Ficam sósinhos os dois,
E' toda a gente arredada.

*

Ninguém soube o que se disse,
Porque ninguem ouviu nada ;
Passou-se tudo entre o conde
E a castellã namorada.

*

Eis, por fim, que se abre a porta
D'aquella triste pousada ;
O conde, d'olhos enxutos,
Limpava o fio da espada.

*

No sobrado, está jazendo
A condessa traspassada ;
Junto d'ella o lenço branco
Da castellã namorada.

*

Bandeira negra na torre,
E crepes por toda a escada ;
Dobra o sino do castello ;
Mas a honra está vingada.

4

Cahira a noite de todo.
Vinha a lua já brilhando ;
Ficou ella, ao peitoril,
Largas horas meditando !

Quando desceu,
Boiava a lua
Em pleno ceu !

CCLV

Voz amorosa, que entraste
Dentro em minh'alma, cantando;
Penetrante melodia,
Que ficaste resoando.

Com que frescor,
Tu cantarias:
Amor!... Amor!

CCLVI

Se é viver seguir o fito
Que cada um tem em si,
Se viver é aspirar...
N'esse sentido, vivi.

Soffrer de Job,
E' viver seculos,
N'um dia só!

CCLVII.

Na igreja o órgão gemia ;
Suas notas eram ais ;
Tudo negro, negro, eu via . . .
Eram festas nupciaes !

Depois, á porta,
Eu vi sahir,
De pé, a morta !

CCLVIII

O sol cobriu-se de lucto ;
Do templo rasgou-se o veu ;
Ouvi os anjos do amor
A soluçarem no ceu !

E os olhos puz,
Sobre o Calvario,
Na minha cruz !

CCLIX

Dá-lhe o braço um vulto negro,
— Medonho espectro de Banquo ! —
Lívida, mais do que a cêra,
Amortalhada de branco !

As mãos, senti-as ;
Eram de marmore,
Já estavam frias !

CCLX

Lá dentro o órgão gemia,
— A partir-me o coração, —
O psalmo : *Beati omnes...*
Como a voz da excommunhão !

E ao despedir,
Tive a coragem
De lhe sorrir !

CCLXI

Quando entrei, depois, mais tarde,
Na solidão do meu lar,
Sorri, sósinho, comigo...
— Uma fôrma de chorar! —

O' dor, achei-me
Comtigo a sós...
E habituei-me!

CCLXII

Aprendi, que ao coração
Dá-lhe a pena, até, prazer;
E quando á dôr se acostuma,
Faz-lhe falta o não soffrer!

Senhor, bondoso!
Gosei bastante...
Se a dôr é goso!

CCLXIII

Meu coração soluçava,
Ria a natureza inteira ;
Dava-me ella, carinhosa,
Um botão de laranjeira !

O' amargura!
Viu esta scena
O sol, na altura !

CCLXIV

Perfume, que estás subindo,
Qual um veneno, no ar !
Quem vos manda aqui, traidoras
Emanações do pomar ?

Basta ! Não mais !
O' flôr das noivas,
Que me mataes !

CCLXV

Brilham joias, ás dezenas,
Nos seus dedos de creança ;
Mas brilha mais, como fogo,
O seu aro d'alliança !

Brilha, com teima.
As outras, luzem ;
Aquelle queima !

CCLXVI

Não sei que vívido encanto,
Nas suas fôrmas reluz !
Tem a bôca mais rosada ;
Os seus olhos teem mais luz !

Maior belleza ;
E pisa o chã
Com mais firmeza !

CCLXVII

Movimentos ondulantes !
Alto collo de sereia !
Parece que a vae levando
Uma nuvem que a rodeia !

Em tons de rosa,
Setinea a pelle,
Alva e leitosa !

CCLXVIII

Mostra uma certa altivez,
Que se impõe ; mas que deleita.
Há n'ella o ar orgulhoso
De uma pomba satisfeita !

Ave Maria !
O novo Deus
Quem t'o annuncia ?

CCLXIX

Formosa, cheia de graça!
Do coração te bendigo!
Mãe! que mysterio se passa?
Eis, o senhor é contigo!

Santa! bendita,
A vida, a força,
Que em ti palpita!

CCLXX

Bemdito o fructo de amor,
Que em tuas entranhas geres!
Bem dita sejas, tu mesma,
Tu, bendita entre as mulheres!

Que mais desejas?
Ave Maria!
Bem dita sejas!

CCLXXI

Em tudo renasce amor !
Do monte ao profundo val,
Realisa a natureza
O consorcio universal !

Alma, a quem amas ?
Por fóra, gêlo ;
Por dentro, chammas !

CCLXXII

Vae, além, por entre os pinhos,
Uma fôrma esculptural !
Eil-a, vestida de branco,
Como a fada do pinhal !

Gentil figura !
O' desespero !
O' desventura !

CCLXXIII

Verde collina, que viste
Minha alegre mocidade !
Parece que em ti passou
Um sôpro de tempestade !

Quem calaria
Os doces cantos,
Que em ti havia ?

CCLXXIV

Os meus olhos não teem lagrimas,
Na dôr minh'alma refino ;
Sou um gigante, que arrosta
O inexoravel Destino !

Ouçã-me alguem !
Mande-me o ceu
Mais dôr, se a tem !

CCLXXV

A amantes, as proprias flores
Gostam de vêl-os, por fim ;
Não teem interesse por nós
As rosas do seu jardim.

Dão ao terraço
Menos perfume,
Emquanto eu passo.

CCLXXVI

Dei-lhe minh'alma. Não viu.
Simple historia de amor !
Em troca, foi dar a sua
A quem lhe não deu valor !

Que admira, emfim ?
Antiga historia . . .
Foi sempre assim !

CCLXXVII

Fomos ao alto do monte,
Onde os cedros rescendiam ;
Quando lá voltei sem ella,
Negras copas os cobriam.

E, desde então,
Os cedros negros
Que pensarão ?

CCLXXVIII

Ao vêrem que os desconheço,
E que os extranho talvez,
Dizem os cedros, gemendo :
«Somos os mesmos, bem vês ! »

Mas ouçam bem :
E' inda a mesma
Ella, tambem !

CCLXXIX

Quando, junto a vós, passávamos,
E, lado a lado, nos vieis,
Eram, cedros, braços verdes
Que para nós extendieis.

Hoje, esquecidos,
São negros, térreos,
E estão despídos !

CCLXXX

Cantam as mesmas cigarras
Do verão nas ardentias ;
Sobem a prumo no ar
Inda as mesmas cotovias !

Quanta illusão !
As mesmas ! Essas
Onde estarão ?

CCLXXXI

Ailanthos, cedros, pinheiros,
Eucalytos e pomar,
Se me não daes attenção,
Com quem hei de conversar ?

De longe vim ;
Ella, mais longe,
Está de mim !

CCLXXXII

Bosque e jardim solitarios !
Solidão é tudo aqui !
Andas longe ; mas bem vejo
Tudo animado por ti !

Entendo já,
Como é que Deus
Em tudo está !

CCLXXXIII

No fundo d'alma te leio,
E vejo que nada sentes ;
Há pensamentos de gaze,
Há corações transparentes.

O teu hyberna ;
Eterno somno,
Mudez eterna !

CCLXXXIV

A's vezes, em certos impetos,
Tinha vontade, Senhor,
De ir em grita pelo espaço,
Proclamando o meu amor !

E, de maneira,
Que me attendesse
A terra inteira !

CCLXXXV

Andaes-me sempre, na mente,
Visões do passado, tristes !
Coração, que te não partes !
Coração, porque resistes ?

E's pedra ou cêra ?
Ah ! coração !
Quem te entendêra !

CCLXXXVI

Porque não foges, não vòas ?
Coração, porque ha de ser ?
De pedra... no resistir !
De cêra... no padecer !

Ondas do mar !
Podeis, acaso,
Fugir ? Voar ?

CCLXXXVII

Coração, que saes incolume
De um soffrer devorador !
Coração, que te não partes,
Sob o martello da dôr !

Cruel abutre,
Que te não mata,
E em ti se nutre !

CCLXXXVIII

Vivo estás, e ao mesmo tempo
Em um sepulchro, a jazer !
E's morto... para gosar,
E vivo... para soffrer !

De pedra e cêra !
Ah ! coração !
Quem te entendêra !



Hymno á Noite

I

Desce, Espirito da Noite!
Angustias do dia, cessem!
Abençoado o tear
Onde os teus sonhos se tecem!

O' tecedor!
Traz o teu manto
Consolador!

2

Como sobem do nascente
As tuas azas escuras !
Vem de lá, também, o sol,
O tecedor de amarguras !

A cada avanço,
Eis o conforto,
Eis o descanso !

3

Estrellas d'ouro o recamam ;
São rutilantes, que cegam !
Lá vem as duas brilhando,
Lá vem as duas, que o prégam.

Tres vezes santo,
Doce agasalho,
O' negro manto !

4

Silencios doces e amigos,
Horas de contemplação!
Encontram sonhos que vêm,
Os pensamentos que vão.

Vós sois olhares
Compadecidos,
O' luminares!

5

Desenrolae-vos, infindos,
Estrellados ceus risonhos!
Sáe das cavernas brumosas,
Traze-me, Noite, os teus sonhos!

Deus te mandou!
Apaga o dia,
Que me cançou!

6

Astros lucidos, trementes,
Inquietos corações!
O mundo é vosso, chimeras!
Reinaes, agora, illusões!

Contente vejo,
O' Noite amiga,
O teu cortejo!

7

O dia, o mundo limita
N'uma esphera de crystal;
Só tu, Noite, nos revelas
A grandeza universal!

Tu, Noite calma,
Só tu consentes
Os vãos d'alma!

8

Tens companheiros, aos quaes
Tristemente a alma humilho ;
Tens a Morte, tua irmã,
E tens o Somno, teu filho.

O' bem amada !
De nenhum d'elles
Eu quero nada !

9

Mas o dia é mais terrivel !
O dia mostra a verdade.
Tem a Luz, que desillude,
E tem a Realidade !

Vem, Noite, a mim !
Sê longa, longa ;
Não tenhas fim !

Desce, Espirito da Noite!
Angustias do dia, cessem!
Abençoado o tear
Onde os teus sonhos se tecem!

O' tecedor!
Traze o teu manto
Consolador!





Ceus estrellados

1

Em noites brandas e limpidas,
Quantas vezes, no terraço,
Seguimos d'olhos attentos,
As maravilhas do espaço !

Com que alegria,
Se perguntavas,
Eu respondia !

2

Dava-te idéa da força,
Que os astros todos impelle,
A ti, gentil marquezinha,
Eu, modesto Fontenelle.

Olhos cravados,
Nos ceus immensos
E constellados !

3

Entre mim e o sabio mestre
Que distancia!... Além do-mais,
Fontenelle tinha espirito,
E fazia madrigaes.

Attenuante :
Elle era... amavel,
Eu era... amante.

4

Tinha os olhos eu, no ceu ;
Elle tinha-os, — com certeza, —
Muito mais perto de si . . .
Não é verdade, marqueza ?

Estrellas via,
Do mesmo modo . . .
E não perdia !

5

Por isso, todos sabemos,
— E não lhe cabe desdouro, —
Que a marqueza era formosa,
E tinha cabellos d'ouro.

Muito frescor,
Curiosidade,
E bom humor.

6

N'estes dotes, marquezinha,
Quasi, quasi, a retratei !
Só a côr dos seus cabellos
Não a digo; protestei.

Eis, á vontade !
Que côr preferes,
Posteridade ?

7

Luz do sol em fulvas tranças
Mil encantos assegura ;
Mas banhando tranças negras
Não desmancha a formosura !

Não me inclinei !
Negros ?... Não digo.
Louros ?... Não sei.

8

E o leitor, do que eu dissesse,
O contrario pensaria.
Fontenelle, a tal respeito,
Hoje é certo que mentia !

Sempre belleza !
Mas... tranças negras,
Gentil marqueira !

9

Ao porvir não ha mysterios ;
Os segredos adivinha !
Saberá, talvez... talvez...
Quem tu sejas, marquezinha !

Saiba-o ! Deixal-o !
Pois' que és formosa...
Não ha negal-o !

10

Sem desmanchar o sorriso,
Nos seus beijos carminados,
Ficou sabendo a marquezia...
Que ha mais mundos habitados.

Viagem linda ;
Mas nós subimos
Mais alto ainda !

11

Transcendemos as espheras
Onde, em voltas largas, giram
Os mundos que Fontenelle
E a bella marquezia viram !

Terra ! a sentir
Vontade immensa
De te fugir !

12

Chego a crêr, que a abandonámos,
Pela eterna vastidão,
Ambos levados nos vôos
De uma mesma aspiração !;

Não foi assim ?
Recordações,
Falo por mim !

13

Turbilhões, de Fontenelle,
E'reis pura phantasia !
Mas ha outros turbilhões...
A minh'alma m'o dizia.

Reconheci,
Que a gente os traz
Dentro de si !

14

São formados de visões,
Anceios, crenças, almejos,
Sonhos e palpitações,
Pensamentos e desejos.

Golpes insanos,
Dos desesperos,
Dos desenganos!

15

E ainda ha outros... bem sei!
Estes, de essencia divina,
Revoluteiam em torno
Da mulher, que nos fascina. ;

Ah ! turbilhão !
É-se engulido,
Sem remissão !

16

O sabio, que viu tão bem
A côr de uns certos cabellos,
— Turbilhões fascinadores! —
Havia de conhecê-los!

Mudo! quieto!...
Não foi colhido?
Ou foi discreto?...

17

Deixei-me prender nos teus...
Não sabias, marquêsinha?
Era, a sua, a força estranha
Que nos astros me sustinha!

Alto subi,
Na tua esfera,
Em torno a ti!

18

Não quiz mostrar-te mais Terras,
Nos espaços sideraes.
Mais Terras? E para quê?
Pois uma não é de mais?

Saber, — contente, —
Que ha mais miseria!
E que ha mais gente!...

19

De que nos serve um saber,
Que a noss'alma desconforte?
Porque, emfim, saber que ha vida,
E', tambem, saber que ha morte!

Tudo equival.
Ha dia? Ha noite!
Ha bem? Ha mal!

20

Nos seus colloquios, os dois
Passavam as noites calmas,
A provar, que os outros mundos
São moradas d'outras almas!

Em conclusão :
Que é tudo, a mesma
Repetição !

21

Melhor lhe fôra, marquezia,
Se tão alto, enfim, subisse,
Que mais Terras não achasse...
E nem esta mesma visse!

N'um vôo altivo ;
Que tudo o mais
E' ser captivo !

22

E' não deixar as algemas ;
Bater as azas em vão ;
Pensar que se anda no espaço ;
Não erguer os pés do chão !

Viver, prostrado,
Qual Prometheu,
Encadeiado !

23

Por isso eu, marquezinha,
Te mostrava o espaço infindo,
Longe, o mais longe da terra,
Subindo, sempre subindo !

Altas visões !
Mundos ignotos !
Constellações !

24

Subindo!... Que voz escuto,
Dentro de mim, corrigindo :
«Descendo... sempre descendo !
«Cahindo... sempre cahindo !»

Falar severo !
Não és exacto ;
Tambem não quero !

25

Almas, que tentam erguer-se,
Fugindo mesmo de si !
Subir é só, desprender-se !
E' desligar-se d'aqui !

Depois... seguir !
Não ha descer,
Nem ha subir !

28

26

La mostrar-te, ao mirante,
Que o bosque menos sombreia,
As sete estrellas da *Ursa*,
Mais as seis da *Cassiopea*.

Sabes, de cór,
Onde é que estão
Mizar e *Alcór*!

27

Conheces *Dubhe* e *Merak*,
— As duas, que vão na frente ; —
Depois *Phegda*, *Megrez* . . .
Esta, pouco reluzente.

Mizar, a gemma,
Entre *Alioth*
E *Alkaid*, extrema.

28

Vistas as sete, mostrá-va-te
Na fôrma que a *Ursa* imita,
Alula, no pé da esquerda,
Na mão direita, *Talita*.

Ambas dobradas,
E, — para quantos? —
Innominadas !

29

No *M* de *Cassiopeã*
Sabias, tambem, marcar,
Schedir, um pé da *Cadeira*,
Rucha, a media do espaldar.

Throno mutavel,
Que tem, dos thronos...
O ser instavel !

30

Depois, encontrando *Pégaso*,
Trazia os teus olhos, eu,
Pelo caminho de *Andrómeda*
Para o arco de *Perseu*.

Fulgindo, bella,
Lá vem, rodando,
Lá vem, *Capella*!

31

Perguntavas, logo, o nome
De cada ponto luzente,
Saltando do norte ao sul,
Um pouco voluvelmente.

Tinhas razão :
O ceu é unico,
Sem divisão !

32

Paravas nos mais vistosos;
— São attracções naturaes! —
Ha, no ceu, quem brilhe muito,
Sem por isso valer mais!

Imagem feia;
Pontos de vista...
Da nossa aldeia.

33

Vezes sem conto, a lição
Me fazias repetir;
Confundias, não sei como,
Arcturo, Vega, Altair!

Então, sorria...
Se eu, com ellas
Te confundia!

34

No branco tapete lacteo,
Achavas o *Cysne*, emfim,
Como uma cruz de brilhantes
Sobre um peito de marfim.

Do *Escorpião*,
A rubra *Antares*
No coração.

35

Do *Touro* o olho sanguineo,
Que o *Septestrello* antecede ;
Jóias cahidas d'um scrinio
Sobre um regaço que as pede.

Mais entornadas,
Sem conto, as *Hyades*
Abandonadas !

36

Orion, de rija armadura,
No ceu disposto com arte ;
De tres estrellas na espada,
E outras tres no talabarte.

Que tu dizias :
Os tres *Reis Magos*,
As tres *Marias*.

37

Voltavas, depois, a ver
O *Corcel* das largas ancas,
A *Lyra* das cordas d'oiro,
O *Cysne* das azas brancas !

Passeio vario :
A *Cabra*, a *Virgem*,
O *Saggitario* !

38

Quiz mostrar-te estrellas duplas,
E procurava-as d'ali;
Mas tal systema de mundos,
Só nos teus olhos o vi.

Com que fulgor!
Ambos eguaes,
Da mesma côr!

39

Alma embalada na crença,
Quando voltavas dos ceus,
Ficavas, depois, fazendo
Maior idéa de Deus!

Na solidão,
Davam-te os astros
Consolação!

40

Sopravam brisas da noite ;
Agasalhavas o collo ;
Depois, nas azas do espirito,
Tornavas comigo ao pólo.

Pouco brilhante,
Estrella pallida. .
Mas tão constante!..

41

Constante !.. O que a gente aprende,
Se começa a analysar !..
Apparencia enganadora
A constancia da *Polar* !

O rosto inclinas ?...
Não vou dizer
O que imaginas !

42

Da Phenicia os marinheiros,
Em tempos que já fugiram,
Mais de mil annos inteiros,
Por outra se dirigiram.

E, no futuro,
Será diverso
O Palinuro !

43

Pequenino ponto d'ouro,
Que parece estar parado !
Quantos olhos tens prendido ?
Quantas almas tens levado ?

O' norte ! ó guia !
Quanta tristeza ?
Quanta alegria ?

44

Luz dos mares ! *Tramontana* !
Que toda a esphera sustem !
Ursa Minor ! *Cynosura* !
De sete estrellas, tambem.

Scintillam mais,
Duas, á frente ;
Os dois fanaes !

45

São : *Pherkad*, a imperial ;
Kaucab, da côr da aurora.
Foi dos nautas da Phenicia,
Kaucab, a polar, outr'ora !

N'ella remiro :
Barcas de Sidon,
Galés de Tyro !

46

Lembras-te como o *Dragão*
Enrola os elos em espira,
Cêrca das *Ursas* polares,
Mostrando as fauces á *Lyra*?

Longa corrente,
Que nós seguíamos,
Difficilmente !

47

Na cauda, a estrella *Therban*,
Entre *Pherkad* e *Mizar*;
Volta-se o corpo em *Aldib*,
Na direcção da *Polar*.

Quasi em *Cepheu*,
De nóvo o monstro
Se contorceu.

48

Informe, as rôscas distende ;
Abre as maxillas, emfim ;
Alwaid marca a de cima,
Marca a de baixo, *Etamin*.

A estrella *gamma*,
Como a sciencia
Agora a chama.

49

Vejamos, porém, de novo,
Therban, humilde e singela :
Annos mil e mil, já teve
O pólo firmado n'ella !

O norte, o fito,
Das gerações
Do velho Egypto.

50

Eis *Cepheu*, do lado opposto,
Já mais facil de abranger,
Tendo uma braza carminea
Tambem difficil de vêr !

Quadro estupendo,
De um sol distante,
Que está morrendo !

51

Rosa vermelha de luz,
N'um canto negro sósinha !
Ninguem no ceu te procura ;
Ficaste sendo só minha !

Brilha ! reluz !
O' flôr de sangue !
Rosa de luz !

52

Em *Chaph*, de *Cassiopêa*,
Firma a ponta do compasso,
E mede, caminho ao pólo,
Metade do largo espaço.

Então descreve,
Girando ao sul,
Um arco breve !

53

Um sol encontras primeiro ;
Conheces a estrella *Errai* ;
Vae seguindo : agora, *Alphirk* ;
Mais ao sul : ahi !... descae !

Paraste, emfim,
No sol do extremo,
Alderamin !

54

Tal é *Cepheu* ! Não te esquecê,
Agora, a constellação.
Aponta a caudã do *Cysne*,
Voltando o dorso ao *Dragão*.

Regio turbante ;
Al-Mu'tahib,
O *Flamejante* !

55

De *Alderamin* á direita,
Braza rubra já no fim,
Fica a lucida granada,
Fica a estrella de carmim !

Ultimo instante
De um sol, no espaço,
Agonizante !

56

O' momento interminavel !
Quanto duras, agonia ?
Foste vista, ha dois mil annos,
Das torres de Alexandria.

Não serás finda,
Nem já passados
Dois mil ainda !

57

Ursa grande ! regio Carro !
Sete estrellas principaes !
Sois, de David, o maior
Dos estandartes reaes !

O' pavilhão
Bordado a perolas . . .
Septemtrião !

58

Vê nas sete, os *Sete bois* ;
Ou vê antes, se o preferes,
Nas quatro, a *Tumba de Lazaro*,
Seguida das *Tres mulheres* !

Mas, perfeição,
Seria vermos
O que ellas são !

95

São sete fulcros gigantes
De sete mundos diversos ;
Sete fontes de energia,
Sete extranhos universos !

Mentes turvadas !
São sete pontos . . .
São sete nada . . .

60

Quantos astros derivados,
Quantas terras em commum,
Vão, como enxame d'abelhas,
Em torno de cada um ?

Cohorte immensa !
Dentro de vós
O que se pensa ?

61

Entre todas, eram duas
Dos teus olhos predilectas !
Tão chegadas, que as dizias
Um casal de borboletas !

Miçar e Alcór !
Aquella, grande ;
Esta, menor.

62

Segue *Alcór* o seu caminho ;
Mas será *Mizar* que a move ?
N'aquelle espaço entre as duas,
A lente já conta nove !

Um campo infindo
De sóes e sóes,
Que vão fugindo !

63

És, *Alcór*, o paladino !
Mizar, o corcel guerreiro !
Deus conduza ao seu destino
O *Cavallo* e o *Cavalleiro* !

Cruel receio !
Como é provavel
Morrer a meio !

64

Que vertigem de corrida !
Milhões d'annos já, sem conto,
Galopando a toda a brida,
Sem sahir do mesmo ponto !

A'vante ! acima !
Na lucta eterna
Quem desanima ?

65

Não fraquejas na carreira ;
Mas succumbes, afinal !
És, *Alcór*, o porta-lança,
Que anda em busca do *Ideal* !

Do coração,
Saudemos todos
O nosso irmão !

66

Ermo o ceu, do lado oeste ;
Vê-se, apenas, d'onde a onde,
Qual um naufrago celeste,
Algum astro que se esconde !

Dobrado lume ;
Mais rapidez,
E mais volume !

67

Fôra canceira indagar-vos,
Apparentes solidões !
Pequenos grupos boiando
No mar das constellações !

Soturna e baça
E' vossa luz,
O' *Cães de caça* !

68

Apenas um ponto vivo
Scintilla modestamente.
Coração Real, não foste
Em vida, tão reluzente !

Puro favor
Te fez um sabio
Lisonjeador !

69

E, todavia, n'aquellas
Solidões mysteriosas,
Giram milhões d'universos,
Palpitando em nebulosas !

Deslumbramento !
Um mar de sóes
Em movimento !

70

Caminhando para o sul,
Era raro que não visse,
Entrelaçada de estrellas,
A *Coma de Berenice*.

Não te dizia,
Qual era o voto,
Que então fazia...

71

Era vêr, no firmamento,
Tambem d'astros semeiada,
Tal qual a da noiva egypcia,
A trança da minha amada !

Vêl-a a brilhar...
E ser Catullo
Para a cantar !

72

Pastor solícito, extranho,
Eis o *Boieiro*, que leva
O luminoso rebanho
Para as pastagens da treva !

Arcturo maga,
Que nem o sol
De todo apaga !

73

Arcturo, rival de *Vega* ;
Qual d'ellas mais afamada !
Vega, de luz argentina,
Arcturo, quasi dourada.

Porém, mais bellas,
Quando fitavas
Teus olhos, n'ellas !

74

Salvê, *Simak*, dos Arabes !
Nuncia das noites de idyllio !
Astro dos cantos homericos,
E dos versos de Virgilio !

Divina *Arcturo* !
A que eu, primeiro,
Nos ceus procuro !

75

Luz do momento distante
Em que ao seu lado te vi !
Só hoje chega a meus olhos !
Só agora a recebi !

Astro dourado !
Tu não és hoje,
E's o passado !

76

Corcel dos campos ethereos !
Vertiginosa corrida !
O' luz ! como andas depressa !
Mas mais depressa anda a vida !

Venci, luzeiro !
Transpuz a meta !
Cheguei primeiro !

77

Tres sóes distingo, ao pé d'ella,
No cortejo a que preside ;
Tres arautos da rainha. . .
Tres : *Nekkar, Izar, Muphrid* !

Sustêm, nos ceus,
O' guardador,
Os dois *Lebréos* !

78

Mas eis que, proximo, a *C'rôa*,
Brilha na cupula c rula !
Engaste curvo de estrellas,
Tendo no centro uma *P rola*.

Louvando estou
O joalheiro,
Que as engastou !

79

Lampadas d'ouro, e de prata !
Vivos, eternos phar es !
Ponte lan ada no espa o,
De um arco, feito de s es !

Immensa, ingente,
Ao lado d'*Hercules*
Fica a *Serpente*.

80

Transponha-se a *Via Lactea* ;
Pairando na summa altura,
Desdobra as azas a *Aguia*,
De pujante envergadura !

Viva, formosa !
E' *Altair*,
A magestosa !

81

No peito, plumagem branca,
— Veludo d'astros sem conta ! —
Azas longas, estiradas,
E uma estrella em cada ponta !

Garra segura,
Suspende *Antinoo*,
A Formosural !

82

D'*Altair*, ao norte, e ao sul,
A mesma distancia mede,
Buscando o pólo, *Alshain*,
Com mais vagar, *Tarazed*.

Tríade ! imitas,
N'um mesmo altar,
Os tres levitas !

83

D'*Arcturo* até *Altair*,
Extensa recta conduz ;
Outra, d'*Antares* a *Vega* ;
Fica formada uma cruz.

Sem mais rodeio,
Alpha d'*Ophiuco*,
Pregada ao meio !

84

Quasi ao seu lado, *alpha d'Hercules*,
Com seus clarões purpurinos,
Que attrahe o *Sol* para si...
O *Sol*, e os nossos destinos !

Segue, arrastada !
Eis o teu porto,
Celeste Armada !

85

Já vimos *alpha d'Ophiuco* ;
Eis, no *Dragão*, *Etamin* ;
Traça o caminho entre as duas,
E liga-as ambas assim !

Agora, tira
A linha enorme
Da *C'rôa* á *Lyra* !

86

Em todo o espaço abrangido
Pela cruz assim formada,
Retraça a figura d'*Hercules*,
Pés ao norte, ajoelhada !

Eil-o, contrario,
Sobre a *Serpente*
E o *Serpentario* !

87

Estes vês, erguendo os olhos ;
Docel, de estrellas crivado,
Desde junho até novembro,
Sobre nós desenrolado !

Chovendo, a flux,
Gottas de sol,
Pingos de luz.

88

Lá surge, agora, *Capellá*,
Além, no ceu de nordeste,
Trazida em mãos do *Cocheiro*,
Automedonte celeste.

Sol a fulgir !
Como é que o homem
Te ousou medir ?

89

Sim, ousou ! e ousa pesar-te,
Em balanceiro preciso ;
Porque o homem pesa estrellas . . .
Só não pesa o seu juízo !

D'um astro mudo,
Conhece o peso,
As leis, e tudo !

90

Mas, em tratando de si,
Tem o condão de illudir-se !
Tudo julga, tudo mede,
E a si não póde medir-se !

Discute e briga :
Quer ser maior
Do que a formiga !

91

Nada sabe de si proprio...
Alma, humilha-te a dizel-o !
Mas os astros, que lhe fogem,
Suspende-os por um cabelo !...

Pendes, singela,
Da nossa mão,
Alva *Capella* !

92

Em quantas noites, em quantas,
Por fins de agosto te vi,
Sobre a cruz do campanario,
Como um ponto sobre um i !

Subindo, igual,
Hostia de luz,
Pontifical !

93

Atraz de ti, vem agora,
Mais modesta, a tua irmã.
Bemvinda sejas, princeza !
Divina Menkalinan !

Doce attracção !
Virgineas graças,
Indecisão !

94

Em cheio, na *Via Lactea*,
Perto do pólo, estadeia,
Em seis estrellas firmado,
O *Throno de Cassiopæa*.

Esta rebrilha,
Velando *Andrómeida*,
A casta filha !

95

Porém, mais bella que as seis,
Entre dois astros de prata,
Ha uma, amarello d'ouro,
Que a lente em dois sóes desata !

Desde que a vi,
Eu deixo as seis,
E páro ali.

96

Fica, em baixo, aos pés do *Throno* ;
De *Schedir* um pouco atraz ;
Uma estrella de topazio,
Sendo a dupla de lilaz.

Mil mundos sinto,
N'um ponto minimo,
Quasi indistincto !

97

Entre as duas, vejo abertas
As eternas vastidões ;
Em leguas, ha d'uma á outra,
Apenas... dois mil milhões !

Perto ! Distante !
Tudo é pequeno !
Tudo é gigante !

98

Gamma, estrella incandescente,
Que parece um sol a arder !
Annos mil sobre outros mil,
E o seu brilho a recrescer !

Mas, afinal,
Ha de extinguir-se,
Que é lei fatal !

99

Vezes tres foi visto ali,
Aterrando a humanidade,
Um sol, que de tempo a tempo,
Acorda na immensidade !

Estrella vaga,
Quem te incendeia,
E quem te apaga ?

100

Outro mysterio celeste,
E que os homens desnorteia !
Tantos sóes incendiados,
No reino de *Cassiopea* !

Na minha estou :
Foi ella, a deusa,
Que os inflammou !

101

Reparem nos corações,
Que amor profunda, a valer !
Se em astros os transformassem,
Andavam muitos a arder !

Incendios ha ;
Que as *Cassiopeas*
Não faltam cá.

102

Tórno a vêr-te, ó *Cruz* ! ó *Cysne* !
Que tens, ao alto, *Deneb*,
Em taes abysmos perdida,
Que nem a mente os concebe !

Por traz, que veia !
De pó de estrellas !
De grãos d'areia !

103

No mesmo grupo, — contraste ! —
Pasmosamente veloz,
Brilha, do nosso hemispherio,
A que é mais perto de nós !

Curiosidade !
Sustem-nos ambos,
Na immensidade !

104

Que mão piedosa e christã,
Os teus sóes dispõe e ordena,
O' Cruz de Christo, deitada
Nos braços de Santa Helena ?

Cruz do martyrio !
Deneb, ao alto,
Aos pés, Albirio !

105

Vê *Gienáh*, no braço esquerdo ;
A estrella *Sadr*, no meio . . .
Cruz celeste ! cruz divina !
Quem te aperta junto ao seio ?

Eu não te extranho,
O' cruz immensa . . .
De um Deus tamanho !

106

Mas prevaleces, ó symbolo,
Do paganismo trazido !
Um cysne d'azas abertas,
De longo cólo extendido !

Regio, suspenso,
Nas lacteas ondas
D'um rio immenso !

107

Vé *Deneb* ; corre a *Sadr* ;
Depois, a *Gienáh*, direito !
A estrella *sessenta e uma*
Fecha o losango perfeito.

Ponto mesquinho !
Um sol gigante . . .
E o mais visinho !

108

Por *Gienih* e por *Deneb*,
Marcando, ao sul, o caminho,
Vae-se, a direito, cahir
Ao nascente do *Golphinho*.

Luz branda e leve,
Da *Svalocin*,
Da *Rotaney* !

109

Via láctea ! Via láctea !
Sóes em pó, nos ceus luzindo !
Parecem góttas de chuva,
Sobre os espaços cahindo !

Um mar de estrellas,
No qual, o *Sol*
E' uma d'ellas !

I I O

O' *Terra!* que ficas sendo,
Quando o *Sol*, que em luz te veste,
E' sómente uma das gôttas
D'aquella chuva celeste ?

Pergunto, a sós :
Que és tu, planeta ?
Que somos nós ?

I I I

Passamos perto da *Lyra* :
Em que infinitos navega,
Immenso *Abutre cadente*,
A enormidade de *Véga!*

Já vimos tanto !...
Pois inda, *Véga*,
Nos dá espanto !

112

Na tua grandeza insólita,
Transcendes o pensamento,
Antigo pólo celeste,
A descansar nm momento !

Has de voltar,
Volvidos seculos,
Ao teu logar !

113

Proximo d'ella uma estrella,
Ligeiramente se esfuma.
O' maravilha dos ceus !
São quatro estrellas só n'uma !

Um ponto fito . . .
Não é um ponto,
E' o infinito !

114

E saber que estão immersos,
Na vastidão, que não finda,
Sobre enxames de universos,
Mais universos ainda ! . . .

E sempre assim !
Mundos ! mais mundos !
Sem fim ! sem fim !

115

Em vós me sinto perdido,
Idéas, que não abraço !
Eternidade do tempo !
Infinidade do espaço !

Na immensidão,
Tudo ordenado,
Sem confusão !

116

Testemunho inconcebível
Da suprema omnipotencia !
O' Deus ! és grande de mais
Para a nossa intelligencia !

Feliz miragem,
Quando te viamos
A' nossa imagem !

117

O Deus, que sentes, não é
O Deus, que os homens crearam,
O Deus pequenino e bom,
O Deus que teus paes amaram.

Vê-o melhor,
Se não te assusta
Um Deus maior !

118

Alta noite; inverno quasi :
Eis das estrellas o lyrio !
A que é rainha de todas !
A magestade de *Sirio* !

Que brilho tem !
Abaixo d'*Orion*,
Subindo vem !

119

Ergue-te, ó *Sothis*, do Egypto !
Sob os teus raios vacillo !
De Horacio *Stella canicula* !
Nuncia das cheias do Nilo !

Quem te suspende ?
A mão do Eterno,
Que os sóes accende !

120

Em volta, os astros apagas,
Tu, que semelhas o dia !
Luz, que os humanos deslumbra !
Calor, que a terra aprecia !

Celeste gemma !
Centro dos orbes
D'outro systema !

121

Ao vêr-te, — sol portentoso ! —
A nossa mente figura
No *Sol*, nos mundos que o cercam,
O teu mundo em miniatura !

De sóes, milhões,
Em qualquer ponto,
Sem dimensões !

122

De que te espantas, ó alma ?
Deixa, essa estrella, suspensa !
Agora, vê-te a ti propria !
Alma ! não vês que és immensa ?

Não é delirio !
Homem ! . . . Mysterio
Maior que *Sírio* !

123

A mão, que de sóes sem conta
Enche os espaços profundos,
Prende, n'um átomo apenas,
A força, que arrasta os mundos !

Gravitação !
Eu bem te sinto
No coração !

124

Alma! possues a energia,
Que os mundos todos sustêm!
Alta, nas fontes da vida;
Mais alta, no amor .. de mãe!

Este aventureiro;
Este, que o outro...
Não é tão puro!

125

E, comtudo, mais te admiro,
— Omnipotente Senhor, —
Se houver, como ha entre as almas,
Tambem, entre os sóes, o amor!

Lá vão caminho;
Ligados todos. .
Nenhum sósinho!

126

Ha quanto tempo vos sinto,
— Anceio d'alma tão fundo! —
Amor gerado no ceu,
Cahindo em chuva no mundo!

Aguas sagradas!
E as sêdes todas
Desalteradas!

127

Pégaso, já te mirámos,
Com teu garrido xairel!
Quatro estrellas o desenham
Sobre o ventre do corcel.

Cavallo preste,
No ceu d'agosto
Brilhando a léste.

128

Lá vem a nossa *Algenib*
Que uma remige suspende ;
Acima d'ella, *Alpherat*
Sobre *Andrómeda* já pende.

Mais dois extremos ;
D'ellas os nomes
Tambem sabemos.

129

Scheat, a do extremo norte,
Na ponta voltada a oeste ;
D'esse lado, ao sul, *Markab* . . .
Eis o quadrado celeste !

Contámos já,
Alpha d'*Andrómeda*,
Tambem *Sirrah*.

130

Tapete enorme, extendido !
A cada canto um luzeiro.
Aqui, a estrada dos *Peixes*,
Mais além, a do *Carneiro*.

D'este, ao comprido,
Fica o *Triangulo*,
Quasi sumido.

131

Liga *Scheat* a *Sirrah* ;
Segue em recta, e tens *Hamal* ;
Marcaste, cortando um *Peixe*,
Do *Carneiro* a principal.

Ao lado, irmã,
Porém, mais pallida . . .
A *Sheratan*.

132

D'esta, abaixo, e quasi ao lado,
Mesarthim, cingindo veu ;
A primeira estrella dupla,
Que a lente encontrou no ceu.

Mesma grandeza !
São dois brilhantes,
D'egual pureza !

133

Já volvidos são dois seculos,
Depois que a lente os achou,
E nenhum dos sóes, ainda,
O menor caminho andou !

O pasmo excede !
Profundidade,
Ninguem te mede !

134

De *Alamack*, — o pé de *Andrómeda*,
De que ainda falaremos, —
Vamos, breve, a *Sheratan*,
E outro tanto, em recta, andemos !

Modesta e bella,
Alpha dos Peixes...
Paremos n'ella !

135

Os *Peixes*, onde hoje o *Sol*
Vae marcar a Primavera;
Mas que a teus olhos ficavam
Indefinidos na esphera.

Fita envolvente
D'astros, que brilham
Modestamente.

136

Um d'elles ceva em *Andrómeda*
A sua furia imprevista !
— Caminha d'*Alpha* a *Mirack*,
Se não fatigas a vista! —

Quasi apagada,
Primeira fita,
De sóes bordada !

137

Partindo do mesmo ponto,
Ao poente, agora, avança !
Sobre o dorso do *Cavallo*
O *Peixe* do sul descança !

Enrola, estende,
Segunda fita,
Que a *Alpha* o prende !

138

Para o sul, sempre a direito,
A fita do norte estira ;
Eis o sol maravilhoso,
A divina estrella *Mira* !

Essa, porém,
Nem sempre a vês
Brilhando alem !

139

A's vezes, jaz apagada ;
Outras só desvanecida ;
Por fim, retoma esplendores,
De si mesma renascida !

Luz caprichosa !
Inexplicavel !
Maravilhosa !

140

Brilha uns dias, uns instantes ;
Vívida, os olhos attrae ;
Em seguida, desfallece ;
E na treva, emfim, recae.

Quem te reveste
A fórma extranha,
Proteu celeste ?

141

Eis, a nordeste de *Mira*,
Menkab, outro sol austral ;
Qualquer d'elles fica abaixo
Da cinta zodiacal.

Longe colleia,
N'outro hemispherio,
Toda a *Baleia*.

142

De *Mira*, ao lado, uma estrella
Perdida, a distancia infinda !
D'esta, ao lado, extincta quasi,
Vês outra, menor ainda !

Mais um thesouro !
Um duplo sol
D'azul e ouro !

143

Na mesma linha, bem perto,
Outro casal escondido ;
Ao sul d'este, o mesmo quadro,
De novo reproduzido !

No mesmo olhar,
Abranges inda
Um novo par !

144

Não descances, pensamento !
A criação examina !
Balança, que a obra inteira
Pésa, da mente divina !

Mundo infinito !
Mas sigo ávante,
E não hesito !

145

Transpórto-me a vós, ó astros !
Outras sois, constellações !
Nóvos sóes vogando juntos
Em perdidas solidões !

Alem ! alem !
Já vos alcanço,
A vós, tambem !

146

Eis-me, de novo, a caminho !
Sóes diversos, já vos piso !
Ergo os olhos ; longe... longe...
Duplos sóes inda diviso !

Mundo distante !
Já vos attinjo...
Ávante ! ávante !

147

Não fujaes, confins eternos !
Eis minh'alma, a vós subida !
Mas que vejo?... longe... longe...
Nóvos sóes jorran do vida !

Alma contente !
Não te demores...
Em frente ! em frente !

148

Chegaste : e que vês agora ?
Onde quer que os olhos fites,
Outros sóes, ao longe... ao longe...
Nos abysmos sem limites !

Tudo te anima !
Ergue-te, ó alma !
Acima ! acima !

149

Eis-me, a vós, tambem, chegado !
Ólho tudo, em torno a mim.
Tudo em volta... longe... longe...
A mostrar-me sóes sem fim !

Mas não descanço !
O espaço córto ;
Avanço ! avanço !

150

Chego aos pontos que fitara;
Firmo os pés em soes diversos;
Mundos novos, longe... longe...
Universos! universos!

O' alma! vem!
Desdobra as azas!
Alem! alem!

151

Eis o tempo: Eternidade!
Eis o espaço: Immensidão!
Tudo em plena actividade!
Tudo em plena criação!

Não há repouso!
Há movimento
Vertiginoso!

152

Alma! conta, se é possível,
Quanto tens andado já!...
Todo o espaço percorrido,
N'um ponto, apenas, está!..

Andaste! andaste!
Não te moveste!
Não te mudaste!

153

Outro tanto vòa ainda!
Novos mundos vê, sem conto!
Outro tanto... e outro tanto!...
E não saes do mesmo ponto!

Caminho andado:
O centro, apenas,
Do Illimitado!

154

Mede o espaço a largos vôos;
Sempre ávante, sem canceira!
Sempre! sempre! ó alma! ó alma!
Pela eternidade inteira!

Nos ceus profundos,
Rodando eternos,
Mundos e mundos!

155

Tens o centro, em toda a parte,
De esferas que não limitas;
Eternas circumferencias,
Em direcções infinitas!

Bemditas graças!
O' alma! és grande!
O infindo abraças!

156

Nada temas !.. Liberdade !..
Largo espaço te medi !
Voavas na immensidade,
Se não coubesses aqui !

Exulta ! ascende !
O mundo é vasto,
Ninguem te prende !

157

Vive em paz, meu coração !
Encara as cousas, tranquillo !
Contra as miserias terrenas,
Tens, alem, seguro asylo.

Podes sorrir !
E' só voar,
E' só fugir !

158

Remota estancia dos orbes !
Caminho trilhado já !
A terra, perco-a de vista,
E os homens não chegam lá !

Ah ! quem não ha de
Buscar-te longe,
Tranquillidade !

159

Porque ali, de tudo acima,
Nos ceus altos, verdadeiros,
Não ha luctas de formigas,
Nem questões de formigueiros.

Meu coração !
Há paz eterna !
Há quietação !

160

Mas não fuçamos de *Andrómeda*,
Que ainda perto nos fica ;
Demora os olhos em *gamma*,
Que o telescópio triplica !

Vôam da pyra :
Uma *esmeralda*,
Uma *saphira* !

161

Primeiro, um sol de topazio
E' centro ao systema trino ;
Annos mil, trinta e seis vezes,
Leva a andar o esmeraldino.

Curva fiel,
Que o outro cinge
Em largo anel !

162

Vezes mais, no mesmo tempo,
Semelhando a nossa Lua,
A estrella azul de saphyra,
Em torno á verde fluctua.

Gasta, ligeira,
Annos quinhentos,
Na volta inteira!

163

Mas, dos tres sóes, cada um,
As leis, a seu turno, dicta,
No vasto enxame de Terras,
Que em torno d'elle gravita.

Banços de Luas ;
E cada Terra
Levando as suas !

164

O sol triplo, assim formado,
Em systema, traça, unido,
Uma curva incalculavel
Sobre um Sol desconhecido !

Na série infinda,
Este andaré
Sobre outro ainda !

165

Ali, — ó Terra, abandona
Os teus orgulhos mesquinhos ! —
Nas terras de cada sol,
Jorram vida os sóes visinhos.

Novo fulgor !
Que variedades
De luz ! de côr !

166

E, em cada systema, as terras,
E as dos outros sóes, em summa,
São as lucidas estrellas,
Para o ceu de cada uma!

Tudo isto, só,
Alem, contido
N'um grão de pó!

167

Demora os olhos em *gamma*!
Aurea chamma, em noite calma!
Sonhos meus! levae-me ali!
Vem comigo, vem, minh'alma!

Gotta perdida,
No mar sem termo
Da eterna vida!

168

De *Markab*, no *Quadrado*,
Traço a longa diagonal ;
Depois sigo-a, curva um pouco,
No sentido boreal !

Sirrah, *Mirack* ;
Eis *gamma*, emfim,
Eis *Alamack* !

169

Sirrah, tambem do *Cavallo*,
Onde *Alpherat* se chama ;
Mirack, a estrella do cinto ;
No pé da princeza, *gamma*.

Pontos brilhantes,
Em linha extensa
Equidistantes.

170

No cinto encontras mais duas ;
Fita a terceira, formosa !
Olha ao seu lado ! que assombro !
A primeira nebulosa !...

Que novo imperio
De soes, de estrellas ...
Ou que mysterio !

171

Sim ; que mysterio ! bem disse,
Onde a minh'alma concentro !
Não ficavas mais pasmada,
Se visses o ceu por dentro !

O' luz, em ondas,
Que tu, saber,
Inda não sondas !

172

D'onde vens, clarão sagrado ?
Que fonte de luz aquella !
Mil e quinhentas estrellas
Acha a lente, em frente d'ella !

Mas viu-se bem ;
Não lhe pertencem ;
São sóes de áquem !

173

Julgavam-te, almas singelas,
Um ponto, onde Deus clemente,
Para entrevermos a Gloria,
Fizera o ceu transparente !

Visão ! delirio !
Luz immortal !
Portas do empyreo !

174

Profundezas insondáveis,
Onde a mente se transvia !
Deus repete a criação !
Fez-se a luz ! nasceu o dia !

Sentimos já,
Que a vida, em breve,
Acordará !

175

Em breve ! quando ha de ser ?
Tempo eterno ! Humanas vidas !
Brevidade ! Eternidade !
Sois idéas confundidas !

Os tempos são
Um *hoje* apenas
Na duração.

176

Prolongo a linha de *Andrómeda*,
Pelas tres assignalada,
E, na mesma equidistancia,
Uma encontro, bem marcada ;

D'um arco ao centro,
Que a *Ursa Grande*
Olha por dentro.

177

Assim nos detêm a vista
A principal de *Perseu* ;
Não ha dominios mais ricos
Em toda a extensão do ceu !

O' soes, quem ha de
Jámais contar-vos
Na infinidade ?

178

Aponta *Cepheu* ao longe,
A linha, que ao norte arqueia ;
Passa ao lado da *Girafa*,
Vae direita a *Cassiopea*.

Delta, singela,
Do extremo opposto,
Attrae *Capella*.

179

D'aqui parte, quasi em recta,
Desenrolando o novello,
Em linha extensa de lumes,
A estrada do *Septestrello*.

Que novo sol!
Olhae, com pasmo,
A estrella *Algol*!

180

Vem comigo, marquezinha,
Vou levar te pela mão ;
Sobre a extrema de *Mirack*,
Vê de *gamma* a inclinação.

D'aqui radia
Ao sul, a estrada,
Em symetria !

181

Pára emfim ; *Algol* se chama
O sol que no extremo fica ;
A *Cabeça de Medusa*,
Que os viventes petrifica.

Olhar que dóe ;
Trança de serpes,
Na mão do heroe.

182

Astro vivo, entre os primeiros,
Eil-o, em chammas, sol ardente ;
Mas, passadas horas trinta,
Amortece, de repente.

E vêl o-heis,
Quasi apagado,
Minutos seis !

183

Findos elles, por encanto,
Recomeça o seu viver ;
Luz recobra, e sobre a esphera,
Viva estrella torna a ser.

Brilha, distincta,
Entre as maiores,
Em horas trinta.

184

De repente, empallidece,
Toma a côr da noite seva,
Passa um veu sobre si mesma,
E deslisa pela treva.

Morte, que dura
Minutos seis
De sepultura!

185

Sol pasmoso, que te afundas
De *Perseu* no vasto imperio!
Ninguém te explica, problema!
Ninguém te entende, mysterio!

Extranho sol,
Que nos confundes,
Algol! Algol!

186

Mas que doido enxame vejo!
Não são estrellas; são areias!
São punhados de missanga
Atirados ás mãos cheias!

Poder dos ceus!
Basta! não mais!
E's grande, ó Deus!

187

Vem subindo. agora, as *Pleiades*,
As filhas d'Atlas chamadas;
Archipelago de estrellas,
Sobre o éther balouçadas.

Grupo gentil!
São seis? são sete?..
São mil e mil!

188

Formosas, que viram deuses,
A seus pés andar de rastos!
Seis contamos; são as seis
Que Ovidio cantou nos *Fastos*!

Eil-as tremendo!
Irmãs celestes,
Que estaes dizendo?

189

Como as almas nos prendeis,
Eternas palpitações!
Almas, acaso, sereis?
Ou já fostes corações?

De Deus mercê!
Tendes de humano,
Não sei o quê!

190

Stéropé, aquella a quem Marte
Ao divo peito apertou;
Electra, *Maia*, *Taygeta*,
Que o deus dos deuses amou.

Duas. a par,
Cingiu, também,
O deus do mar.

191

Uma, *Celeno*; outra, *Alcyone*.
Taes são, nos *Fastos* divinos,
As seis luminosas *Pleiades*,
As *Vergílias*, dos Latinos.

Mal desposada,
Por isso, a sétima
Ficou velada.

192

Méropé, de quem Sisypho
O thálamo teve a meio,
Passa humilde e baixa os olhos,
Entre as deusas, com receio.

Duro destino !
Amor da terra
Não é divino !

193

Entendo, agora, o que dizes,
Velho mytho, antiga lenda :
O que é terreo, não permitte
Nunca, Deus, que aos ceus ascenda.

Ao lodo igual,
Fica na terra
O que é mortal.

194

Entre os astros, só rebrilha,
Aureolada de esplendor,
Aquella, que foi cingida
Na luz divinal do amor.

A que o seu par,
Soube escolher,
E soube amar!

195

Só reluz nos ceus eternos
Onde esplende eterna a *Lyra*,
Aquella que um deus prefere...
E aquella que um vate inspira.

Eis-te explicado,
A meu contento,
Mytho sagrado!

196

Quantas almas teem vogado,
Perdidas nos mundos teus!
Septestrello abençoado!
Septestrello ! adeus ! adeus !

Ah ! marquezinha !
Por lá perdemos . . .
A tua, a minha ! . .

197

Atraz d'elle, do nascente,
Vem as *Hyades* chuvosas ;
Chammas vivas, argentinas,
Rubras pétalas de rosas !

Manto de granç
Eis a rainha,
Aldabaran !

-198

O' magestade sanguinea!
Onde termina, ou começa,
O negro abysmo infinito,
Que a tua luz atravessa?

Reluz, altiva,
Pupilla ardente,
Fornalha viva!

199

Olho do Touro, feroso,
Raiado de sangue vivo!
Assim te chamava o arabe,
Nómada, contemplativo!

Padres hebreus,
Em ti fitavam
O olhar de Deus!

200

Aldabaran! tricolor!
Facho, que vemos fugindo!
Estrella, *dama de honor*,
Sempre as *Pleiades* seguindo!

Chamma punicea!
Entre os Romanos
A *Palilicia!*

201

Luz maior do *signo primo*,
Nos calendarios antigos,
Quando, os destinos humanos,
Velavam astros amigos.

Já foste a irmã
Da primavera,
Aldabaran!

202

Scintillas, inacessível,
Prégo vivo de luz crua,
Na curva que o *Sol* percorre,
Na estrada que segue a *Lua*.

Foges, com ancia !
Cada segundo,
Maior distancia !

203

Leguas seis, cada segundo ;
N'um dia, seis centas mil ! . . .
E sempre o mesmo esplendor
D'aquelle ponto subtil !

Como é possível ?
Inalteravel !
Inextinguivel !

204

Raio limpido, purpureo,
Que, n'este momento, vi,
Quantos seculos levou
Talvez, a chegar aqui!

Que vastidões!
O' vida ephéméra
Das gerações!

205

Vae do pólo a *Aldabaran*;
Passa entre a *Cabra* e *Perseu*;
Nenhuma estrella notavel
Vês, n'essa linha do ceu.

Na luz diffusa,
Sóes duplos, triplos,
A lente accusa.

206

De *Menkalinan*, tão doce,
A *Aldabaran*, immensa,
Figura, agora, que fosse
Enorme ponte, suspensa!

Passando, estreito,
O lacteo rio,
Sob o seu leito.

207

Construcção gigante, vê!
Eis, distincta, refulgente,
A estrella *Nath*, no meio
Da catenaria, pendente.

Tal é, no *Touro*,
Da lua córnea,
A ponta d'ouro!

208

Luz aurea, virginea e casta!
Timidamente scintilla!
Em duas constellações,
Indecisa, *Nath*, oscilla.

Aldabaran

D'um lado, e d'outro
Menkalinan.

209

Mais um momento, e nos ceus
Os dois *Gemeos* apparecem.
Irmãos!.. Illusões fallazes!
Não o são, nem se conhecem!

Longa jornada;
Sentido opposto,
Diversa estrada!

210

Vivos sões da immensidade,
Sempre a afastar-se, sem fim ;
Simulam fraternidade...
Tambem no mundo é assim !

Seguimos cá
Os maus exemplos
Que o ceu nos dá !

211

Não fiques triste, porém :
Vaes vêr attracção, amor :
Duas estrellas ligadas...
O *systema de Castor* !

Não ; vêr, não digo ;
Basta, que saibas
Do par amigo.

212

Gira um sol em torno a outro,
Cada um, em torno a si ;
Um anno, apenas, de lá
São dez seculos aqui !

Olhae, humanos,
Outros ephémeros...
De cem mil annos !

213

Nos dois soes consorciados
Vae mais longe a maravilha :
Outra estrella os acompanha,
E faz lembrar uma filha !

Mal comparado ;
Mas lembra-me isto,
Por ter-te ao lado.

214

Deve este girar, tambem,
Em torno dos principaes.
Volta larga! dura, apenas...
Trinta mil annos, ou mais!

N'aquella altura,
Trezentos seculos,
Um anno dura!

215

Póde ser, tambem, que os tres
Sigam destino commum,
Rodando em volta d'um centro,
Não existente em nenhum!

Que lei de amor,
Regula os sóes,
Dentro em *Castor*?

216

Vaes fugindo ! vaes fugindo !
Mais e mais, distante mundo !
Augmentas o largo abysmo
Leguas nove, por segundo !

Rapido ! escuto !
Andou seiscentas,
N'um só minuto !

217

Uma hora... passa breve !
Eil-o, foge ; sempre hostile !
Leguas, leguas vae galgando ;
Andou mais de trinta mil !

O dia é findo ;
E sempre, sempre,
Castor, fugindo.

218

Hontem, saudámo-lo, vívido !
Leguas, leguas, sempre ávante !
Oitocentas vezes mil
Vae já hoje mais distante.

Seguindo ; andando ;
E o negro abysmo
Sempre augmentando !

219

Passaram dias e dias ;
Um anno inteiro passou ;
Agora, milhões de leguas,
Por centenas já contou !

E foge ! e vôa !
Sob um destino,
Que não perdôa !

220

Correram annos e annos !
São muitos? contemos cem !
Agora, conta aos milhares,
Os milhões, que andado tem !

Mas conto em vão ;
Castor não pára
Na immensidão !

221

Annos mil, tambem, passaram ;
Mudas, vastas solidões !
Agora, os milhões de leguas
Contal-os-hás aos milhões !

Sempre, *Castor*
Maior abysmo,
Maior, maior !

222

Mais annos mil... Outros mil...
E' bastante! é já de mais!
Mente ousada! ahí concentras
A extensão dos teus annaes!..

Humanos fastos!
Trez vezes mil,
São annos bastos!

223

Há tres mil annos... tres mil...
Quanto espaço percorrido!
E a luz sempre inalteravel!
E nem um raio perdido!

Em nada, em nada
Nem levemente
Attenuada!

224

De *Pollux* o movimento
E' mais assombroso ainda ;
Essa, caminha em contrario . . .
Bemvinda seja, bemvinda !

Vem para nós,
Cortando o espaço,
Correndo a sós.

225

Decorre um segundo breve :
Leguas treze o sol avança ;
Não hesita ; não vacilla ;
Nem um segundo descança !

Do espaço, alem,
Vertiginoso,
Cahindo vêm !

226

Em cada minuto rápido,
Quasi oitocentas abraça;
São cinco vezes dez mil,
Em cada hora que passa!

Que turbilhão!
Em cada dia,
Mais de um milhão!..

227

Nos tres mil annos volvidos,
Que a mente á outra contou,
Já mil e quinhentas vezes,
D'aquella o caminho andou!

Castor! formosa!
Porém, no espaço,
Tão vagarosa!..

228

Contando, agora, o caminho,
Andado nos dois sentidos,
Vê quanto se afastam, vê;
Aquelles dois sóes... *amidos!*

Irmãos parecem!
Mas não o são,
Nem se conhecem!

229

De *Castor* a *Aldabaran*;
De cada uma a *Capella*:
Distancias em symetria,
Triangulação singela!

D'esta maneira,
Em tendo duas,
Tens a terceira.

230

De *Pollux* á estrella *Nath*,
E' bastante extensa a recta;
Busca um ponto, agora, ao sul,
E o trilátero completa!

Ao ponto envia,
Tambem, dois lados
Em symetria.

231

Dos *Gêmeos* a estrella *gamma*,
Eis o ponto agora achado;
Breve recanto do ceu,
Profusamente estrellado.

De *Nath* a *gamma*,
A meia estrada,
Alguem nos chama!

232.

Ligeira mancha de luz
Ali, confusa, rebrilha ;
São montes, montes de sóes,
São estrellas postas em pilha.

Luz viva , clara !
Gottas distinctas !
Belleza rara !

233

Na mesma altura, velada,
Como escondendo-se á vista,
A estrella *Propo* apparece,
Da antiguidade bemquista.

Um sol modesto,
Mas já citado
Pelo *Almagesto*.

234

Foi lá, n'aquella montanha,
De luz crepitante e cálida,
Que a lente encontrou, de *Urâno*,
A face, morosa, e pallida.

Abre-te, esphera!
Em nóvos ambitos,
O sol impera!

225

Orbe novo, accrescentado
Aos que o homem conhecia,
Do Sol os vastos domínios
Dobradamente extendia!

Velho saber,
Todo alterado...
Custava a crêr!

236

Mas o planeta, no entanto,
O monte de sóes venceu ;
Foi andando, lento, lento,
E fez a volta do ceu.

Em cada anno,
Um quasi nada
Andava *Urâno*.

237

Oito dezenas se passam ;
Annos quatro, mais, ainda ;
E *Urâno* chega, de novo,
A' pilha de sóes, infinda.

Olhae ! olhae !
No mesmo ponto,
Passando vae !

238

Olhos humanos, primeiros,
Que além, no espaço, te viram,
Há quanto tempo fechados !
Já quanto, quanto dormiram !

E tu, sereno,
Moroso, andando
Nes ceus, em pleno !

239

Novo giro, há cinco lustros,
Recomeçou ; não descança.
Visita as constellações ;
Agora, vae na *Balança*.

Por elle espera,
Propo, sósinha,
Além na esphera !

240

Volvidos annos cincoenta,
E, depois d'elles, mais seis,
De novo, estrella modesta,
Nos raios teus o vereis !

Beijo divino !
Depois, ávante,
Que é seu destino !

241

Eu, — tambem tu, marquezinha ! —
Dos que vivemos, os mais,
N'aquelle ponto do ceu,
Nunca o veremos, jámais !

Dormindo já,
Em elle, um dia,
Chegando lá !

242

O' noites de um fim de março !
Talvez, formosas e puras !
Caia a vossa amenidade
Sobre as nossas sepulturas !

Quem sabe, então,
Se as nossas almas
Acordarão !

243

Se n'ellas desperta ainda,
Algum sentimento humano,
Para vêr-te, estrella pallida,
Beijando, de longe, *Urâno* !

Então, memora,
Quem se lembrou
De ti, agora !

244

O' noites de primavera,
Que a lua, talvez, branqueia !
Praza a Deus, que ainda alguem
N'aquellas noites me leia !

Sorte bem dita !
Que vós, meus versos,
Alguem repita !

245

Que vós, meus cantos singelos,
Encontreis ainda abrigo,
Em almas simples, sinceras,
N'algum coração amigo !

Cantos sagrados,
D'outras mulheres
Tambem amados !

246

Aspiração da vaidade !
Loucura ! não póde ser !
Hão de outros versos falar
Aos que estão para nascer !

Cantos subidos ;
Mas não mais doces,
Nem mais sentidos !

247

Sereis cantadas, sereis,
Noites brandas, estrelladas,
Em harpas, não mais vibrantes ;
Apenas, mais afinadas !

Outro esplendor !
Mas nunca, estrellas,
Com mais amor !

248

Sereis louvadas, mulheres!
Sereis cantadas, formosas!
Em harpas, não mais amantes;
Apenas, mais sonoras!

Outro preceito!
Mas não, mulheres,
Com mais respeito!

249

Harpas meigas do futuro,
Se o coração adivinha,
Ha de haver, de certo, alguma,
Afinada pela minha!

Essa, mais grata,
Terá mais cordas...
Serão de prata.

250

Mas não cantará mais alto,
Nem tão alto, os seus amores;
Que eu descendo, em linha recta,
Da raça dos trovadores!

Descanto assim;
Reminiscencias
Do bandolim!

251

Descendo dos vates nómadas,
Que, atravez dos tempos, vão,
Adorando os seus ideaes,
Cantando-os no coração!

Em arias novas;
Em rimas faceis,
Em doces trovas.

252

Harpa dorida e singela,
Só brandas cordas requer,
Para cantar as estrelas,
Para afagar a mulher !

Eu, que as cantei,
Só doces notas
De amor soltei !

253

Por isso, espero, meus versos,
Que alguém vos ha de cantar !
Alguem vos ha de entender,
Alguem vos ha de abrigar !

Vejo o porvir :
Alguem, meus versos,
Vos ha de ouvir !

254

Ha de ser, n'um fim de março,
Começo da primavera!
Ha de *Urâno* ter andado
Mais uma volta na esphera.

O' gloria vã!
Longo futuro...
E' *ámanhã*!

255

Depois... mas depois, que importa?
Que longo, longo passado,
Quando, em torno ao sol, *Urâno*,
Tiver outra volta andado!

Louco tormento!
Homem, resigna-te
Ao esquecimento!

256

Vêde as aves, vêde as flôres ;
O' almas impacientes !
Soltam cantos ; teem amores ;
Vivem *hoje*, e são contentes !

Sem vãos anceios,
Soltam as aves
Os seus gorgeios !

257

Tambem myrtos e lilazes
Soltam ondas de perfumes,
Sem contar por quanto tempo,
Sem tremores nem ciumes !

Hymnos levantam,
Esplendem, vivem,
Perfumam, cantam !

258

E nunca, um momento só,
Nos bosques esmeraldinos,
Hão de faltar os perfumes,
Ha de alguém calar os hymnos !

Verde floresta
Sagrada a amor,
E sempre em festa !

259

Só tu, coração do homem,
Só tu, — soberba sem freio, —
Vives, no medo da morte,
Morres, da vida no aneio !

Vontade d'aço,
Deitando as garras,
Ao tempo, ao espaço !

260

Só tu persistes na lucta,
Vaidade teimosa e alta,
Cuidando em sobreviver-te,
Pensando que fazes falta!

Descendo a rampa,
Olhos na aurora
De além da campal

261

Por isso eu quizera, ó harpa,
Dar-te cordas de ouro puro ;
Depois, deixar-te vibrando,
Nos concertos do futuro!

A refulgir;
E dando o tom
A's que hãõ de vir ;

262

Por isso, já vos saúda,
Cantando, humilde e sósinha,
A vós, que estaes por nascer,
Com tanta doçura, a minha !

Harpa dorida,
Cantou de amores,
Quer ser ouvida !

263

Andou, por entre as estrelas,
Hymnos de gloria soltando ;
Por lá deixou, desterrados,
Os seus ideaes, voando.

Firmes, ativos,
Por entre os sóes
E os astros vivos !

264

Andou, por entre as mulheres,
Hymnos de amor desprendendo ;
Entre as estrellas da terra,
Os seus ideaes, erguendo.

Voou, voou...
Não viu se alguma
A acompanhou!

265

Desafogaste ! Expandiste !
Torna aos abysmos sem par !
Valeu a pena, minh'alma,
Valeu a pena, parar !

Viste, pesados,
Os teus anceios,
Os teus cuidados.

266

Lá vejo o grupo de sóes,
E *Propo*... que mal se vê.
Dos homens tão celebrada,
Cantada, não sei porquê!

Só se é razão,
Ter, na modestia,
A distincção!

267

Porque foste amada sempre,
Leve estrella pequenina?
Porque foi que me prendeste?
Bem vês, estrella, que é sina!

Foste fadada;
Pallida, tímida,
Porém cantada!

268

É grande a volta de *Urâno*,
Mede, á farta, a humana vida . . .
Orbita, á larga, traçada ;
Por um ponto,—o Sol—, sustida.

Em tal grandeza,
De pasmo, a mente
Nos fica preza !

269

Porém, *Neptuno*, redobra-a,
Na curva enorme que mede . . .
Que a natureza, a si propria,
A todo o momento excede !

Poder soberano !
É já pequeno
O anel de *Urâno* !

270

Lustros nove, e mais dois annos,
A Terra, passar, já viu,
Desde quando a vista humana,
Neptuno, te descobriu ;

De *delta* ao lado,
Em *Capricornio*,
Quasi apagado.

271

Antes, porém, de te vêrem,
Fôras, aqui, presentido!
Creou-te o saber humano,
A ti, só depois seguido!

E o teu logar,
No ceu, preciso,
Soube fixar!

272

A lente obedece aos numeros ;
Fita o ponto que lhe dão.
E *Neptuno*, de repente,
Corresponde á evocação !

Saber altivo !
És orgulhoso ;
Mas tens motivo !

273

O Sol, cada vez mais longe,
Os seus dominios profunda ;
Neptuno, depois de *Urâno*,
Os alarga a vez segunda.

Conta, sem treguas,
Mais quatrocentos
Milhões de leguas !

274

De *Neptuno* o disco pallido,
Sempre a nós obediente,
Lá vae levado no espaço,
Lentamente, lentamente !

Não tem descanso ;
Mas segue, lento,
Pausado e manso.

275

Atira mais alto a curva ;
De *Urano* os passos imita ;
Porém, mais lento, mais lento,
As constellações visita.

Hospede ethereo,
Eil-o, do *Touro*,
No vasto imperio !

276

Se a lente quizer achar-te,
A ti, nosso irmão celeste,
Ha de attenta procurar-te,
De *Aldabaran*, ao nordeste.

Lá te descubro...
— Noventa e tres,
E fim de outubro.—

277

Ligeira brisa te impelle,
Pequenino grão de pó!
Andas, por dia, — miseria! —
Cem vezes, mil leguas, só!

Tão só resume,
Terras noventa,
O teu volume!

278

Grão de poeira mesquinho !
Quasi invisível fluctua !
A cem mil leguas de si,
Vae arrastando uma lua !

E, pelo infindo,
Outras, de certo,
O vão seguindo !

279

Seus passos mal se percebem ;
Azas o levam, serenas ;
Em cada minuto, vôa
Setenta leguas, apenas !

N'um anno, em summa,
Trinta milhões...
E mais alguma !

280

E vae seguindo o seu giro,
Lentamente, lentamente ;
Finda a volta, contará
Sete mil milhões, sómente !

E a curva esbelta,
Irá fechar-se
Na estrella *delta*.

281

Lustrós nove e mais dois annos,
Tem andado, desde o dia
Em que o homem, procurando-o,
Pela vez primeira o via.

A passos lentos,
Milhões andados :
Mil e quinhentos !

282

Hão de annos correr, correr...
E *Neptuno* a andar, a andar...
Todo o seculo futuro
A terra verá passar!

E brando, brando,
No espaço, ao longe,
Neptuno andando!

283

Depois, um seculo novo
O tempo conduzirá:
D'esse, dez annos inteiros,
Inda *Neptuno* andar.

Lento, deslisa;
Eis *delta* além;
Eis a balisa!

284

São mais seis mezes ainda ;
Chega de julho o primeiro,
E *Neptuno* a volta encerra,
No *Capricornio* ligeiro.

Eil-o chegado
Ao ponto extremo,
Por nós marcado.

285

Fôra d'ali a partida,
Fôra ali marcada a meta ;
Eis traçada a curva enorme ;
Eis a volta, emfim, completa !

Depois, andar ;
E o mesmo curso
Recomeçar !

286

De *Neptuno* é findo um anno !
Na terra quantos passaram ?
São cento e sessenta e cinco,
Se as contas me não falharam !

Quantos baldões
Na vida inteira
De gerações !

287

Fico pensando, *Neptuno* :
Em ti, quanto dura a vida ?
Que tempo se espera lá
Pela morte appetecida ?

E quanto dura,
Se ahi se soffre,
A desventura ?

288

Quanto o perfume da rosa ?
Quanto a delicia de um beijo ?
Quanto a viveza de um goso ?
Quanto o fervor do desejo ?

Se a posse cança ?
Se é longa a dôr ?
Se eterna a esperança ?

289

Quanto dura a primavera,
Se há primavera em ti ?
Se de amor é longo e doce,
Um sonho sonhado ahí ?

E a formosura,
A graça etherea,
Sim, quanto dura ?

290

Se, tudo, é longo e moroso,
Ou se tudo, em breve, passa ?
Se a par do que dura a dita,
Há proporção na desgraça ?

Se chega, lento,
Ou se anda, rápido,
O esquecimento ?

:9†

Anno extenso, vagaroso ;
Mas brevissimos os dias !
Representa a vida aquelle ?
E, os outros, as alegrias ?

E' breve, ou não,
Do amor eterno
A duração ?

292

Quero crêr, que a noite ahi
Longas horas vá contando !
Talvez o tempo se passe
Dormindo ! talvez, sonhando !

Sonhar ! sonhar !
Constantemente !
Sem acordar !

293

«A vida é sonho !» disseram
Na terra, illusoriamente !
Sêl-o-ha, *Neptuno*, ahi,
N'esse globo transparente ?

Mundo risonho !
Quero essa vida,
Se a vida é sonho !

294

Vejamos, agora, *Prócyon*,
Dos *Gêmeos* um pouco ao sul;
Tens de esperar a madrugada,
Quando o ceu já vem azul;

Ou, mais tardio,
Esperar, então,
Que finde o estio.

295

Luz brilhante, amarellada,
Correndo o espaço, veloz;
Semelhando estar parada,
Sempre a afastar-se de nós!

Sósinha e bella!..
Pois leva mundos
Em torno d'ella!

296

Depois dos *Gêmeos*, o *Cancer*,
Ao pé do *Leão* superno ;
Mas és fraca, delicada,
E não vês o ceu, de inverno.

Pequena grey
D'estrellas minimas ;
Não t'as mostrei.

297

Reluz ao centro o *Presepio*,
Clarão, que d'antes diziam
Ser uma porta do ceu,
Por onde as almas sahiam !

Louco favor,
Deixar o ceu,
Por nosso amor !

298

E depois... que estou dizendo?
O' coração, já te ouvi!
Tu bem sabes — marquezinha, —
Que eu deixava o ceu por ti!

Peço perdão;
Almas celestes
Tinheis razão!

299

Além, um sol pequenino
Brilha nos campos ethereos!
São tres estrellas unidas,
Tres universos sidereos;

Que vão, levados,
Em curvas multiplas
Entrelaçados!

300

Ali se condensa, humilde,
N'um ponto que nada mede,
O *problema dos tres corpos*,
Que o saber humano excede !

Com tal portento,
Ficas pasmado,
Entendimento !

301

Pois acredita, razão :
Não é mais facil problema,
O que offerecem *duas almas*
Formando, tambem, *systema* !

Nos corações,
Que movimentos,
Que agitações !

302

Uma á outra escravizadas,
No seu curso deixam rastros
Complicados, transcendentés,
Mais que as orbitas dos astros !

Razão mesquinha !
Eu não percebo
Nem mesmo a minha !

303

Enorme brilhante rútilo,
Alto cravado na esfera !
Só te saudávamos, *Régulo*,
Nas noites de primavera !

Cães no poente,
Em tardes longas
De julho ardente.

304

Sol immenso, remotissimo !
Tu que és, do *Leão* gigante,
Desde os velhos tempos mythicos
O *Coração* palpitante ;

Que refulgia,
Sobre os terraços
D'Alexandria !

305

Já tua marcha mediam,
Na queda lenta da areia,
Os sabios que te seguiam
Em Babylonia e Chaldêa !

Facho do Nilo !
Sol de Tymócharis
E de Aristillo !

306

Quão longo tempo marcaste,
Em teus raios diamantinos,
Aos nautas a sua rota,
Aos deuses os seus destinos !

Eram teu espelho,
As ondas persicas,
E o Mar Vermelho !

307

Régulo ! tu que nos olhas
De infinidades sombrias,
Longos seculos humanos
São, para ti, quantos dias ?

Vejo-te, e fito
A estrella régia,
Do antigo Egypto !

308

Antecedeste, nos tempos,
Desde quando ?.. a humanidade!
E's, para a vida terrena,
A sombra da eternidade !

Celeste aurora !
A tua vida
Começa agora !

309

Quando o sol e o seu cortejo,
Tudo morto fôr tombando,
Coração inextinguível,
Tu continuarás pulsando !

Vivo, fremente,
Regendo fados,
Inconsciente !

310

E sobre os mundos diversos,
Que has de então illuminar,
Entornarás, nos teus raios,
Um raio do seu olhar !

Juntando vae,
A luz serena
Que d'elle sae !

311

Mas, chegando a hora extrema
De te apagares ahí,
Has de legal-o ás estrellas,
Que fiquem depois de ti !

Depois : — clarão ! —
Umás ás outras
Te deixarão !

312

Movimentos millenarios !
O' *Régulo* ! um ponto ! um mundo !
Gira um sol em torno d'elle,
Outro em torno do segundo...

Servos, emfim,
Da lei de amor
Que os prende assim !

313

Triplo sol n'um sol apenas !
E' tal a distancia vossa,
Que n'ella cabem mil Terras
Mil vezes eguaes á nossa !

Mundos sem conto !
Aos nossos olhos,
Sómente um ponto !

314

Na mesma constellação
Brilha *Denebola*, vês ?
Da côr d'uns olhos . . . serenos,
Que eu vi, sonhando, talvez !

Na luz, tão pura,
Egual meiguice,
Egual doçura.

315

Parece que as almas abres !
Chego a crêr que as adivinhas !
E's um cofre de tristezas
Onde guardo, ha muito, as minhas !

O lume brando,
D'uns olhos, vistos,
Talvez, sonhando !

316

Vês *Arcturo*, vês *Denébola*;
Liga as duas entre si;
Olha ao sul, equidistante
Das duas, a *Espiga*, ali!

Eil-a, serena!
Noite de junho,
Ridente e amena!

317

Branca estrella, irmã de *Vega*,
De *Régulo*, de *Castor*,
D'*Altair*, *Rigel* e *Sirio*...
Nivea luz! niveo fulgor!

Quem te descreve,
O' luz eburnea!
O' sol de neve!

318

Luz de esperança, confidente,
Que o lavrador, findo o dia,
Quando o trigo já loureja,
Aos seus votos associa!

Benção divina,
Da vida agreste
E campesina!

319

Reluzes n'um ramo d'oiro,
Na mão da *Virgem*, pendente ;
Tem esta, aos pés, a *Balança* ;
A' dextra, o *Mênalo* ardente.

O' *Virgem* ! Dea !
Minerva ! Isis !
Themis ! Astrea !

320

Dizem-te, alguns, a Fortuna,
Que sobre a roda vacilla ;
Outros, a deusa das ceifas !
Outros, Diana, a sybilla !

Fôras, tambem,
N'um ceu christão,
A Virgem Mãe !

321

Lá tens, bem perto, o *Presepio* ;
Eis *Prócyon*, tambem chamada
A *Estrella do Precursor* ;
Aos pés a *Serpe* esmagada.

Na estrada, além,
Os tres *Reis Magos*
Andando vêm !

322

Quatro sóes ha junto á *Espiga*,
Do lado do sudoeste ;
Contra a *Hydra*, o negro *Corvo*
Eil-o, rábido, que investe !

Ao norte, agora,
Mostra-te ! surge,
Vindimadora !

323

Portentosa estrella *gamma*,
Não te posso descrever !
Duplo sol, que a lente afasta
Um do outro, e vê correr !

Sendo, depois,
Um sol apenas,
Os que eram dois !

324

Gira um sol em torno d'outro,
E ao mesmo tempo, vê lá,
Os dois em torno de um ponto
Que em nenhum d'elles está !

Um centro, um laço,
Que os dois sustêm,
Que está no espaço !

325

Entre a *Espiga* e *Berenice*,
Multiplicam-se os portentos !
Sóes, estrellas, aos milhares !
E nebulosas, aos centos !...

Tropel ! Milhão,
De mundos novos,
Em formação !

326

Nebulosas duplas, triplas,
Sobre si mesmas girando,
Em longas curvas ellipticas,
Que o homem vae desdobrando !

Centros fecundos,
Por leis ignotas,
Gerando mundos !

327

Umas, já marcam dois sóes
Nascidos apenas d'um !
Gêmeos, que o tempo destina
Para uma vida commum !

Ingresso lento,
Nas leis eternas
Do movimento !

328

Outras emanam de si,
Em turbilhões espiraes,
Longos rastos de substancia,
Para mil astros, ou mais !

Mais estupendo !
Há *Vias lacteas*
Ali nascendo !

329

Em torno de cada um
Giram mundos habitados,
Como o nosso, porém todos
Por dois sóes illuminados !

E o mundo vario
Vê, cada um,
Do sol contrario !

330

Que transformações succedem,
Que novas forças se animam,
Quando os dois nucleos se afastam,
Quando os dois sóes se approximam ?

Salve, formosa !
Gamma da *Virgem*
Maravilhosa !

331

Balança, posta no ceu
Pela equidade divina ;
Alpha, amarella-topasio,
Beta, verde-esmeraldina.

Luzentes pratos,
Pesando, o quê ?
Os nossos actos ?

332

Quem te visse ahí, *Balança*,
Nas mãos do Eterno suspensa,
Sempre ao merito pesando
A devida recompensa !

Não pésas nada,
Ou pésas falso,
Balança errada !

333

Celeste *Kiffa* dos Arabes,
Justiça, lembrás, de mouro !
No prato verde... as esperanças ;
No amarello... o interesse, o ouro !

O verde... instavel ;
Mas o amarello...
Insaciavel !

334

Semelhas, pregada ahi,
Um sarcasmo de remissa,
A dizer : «Fugiu da terra
A balança da justiça !»

Fiel torcido,
Não melhoraste,
Por ter fugido !

335

Do berço trouxeste os vícios,
Bem se vê ; não foi em vão,
Que outr'ora fôste gerada
Das garras do Escorpião !

Quem te governa,
Deixou-te as garras,
Justiça eterna !

336

Noites limpidas de julho,
Brisas do norte soprando;
No ceu recurvo do sul,
Um *Jota* immenso, pairando.

Ao centro, o parte,
Rubí celeste,
Rival de Marte !

337

Antares ! viva ! sanguinea !
Braza, que os olhos escalda !
Em volta d'ella revôa
Um colibrí de esmeralda !

Astros, em bando,
Por entre as duas,
Tambem voando !

338

E, comtudo, a vista humana,
Universo inteiro, vê-te
No ponto, apenas, que imprima
O mais agudo estylete !

Mente ! encadeia
Mil d'esses pontos
N'um grão d'areia !

339

Distancias ! nada vos mede !
Inconcebiveis abysmos !
Astros ! em vós que succede ?
Que mortes ? que cataclysmos ?

Vives, ou não ?
Furna d'estrellas !
Escorpião ?

340

Annos mil, talvez, caminhe
A luz que á terra trazeis !
Quem sabe se há annos mil,
Mórtos no espaço estareis ?

Se nós, agora,
Vêmos, apenas,
A luz d'outr'ora ?

341

Quem sabe se, n'este instante,
A vossa existencia finda,
E nós ficamos a vêr-vos
Ahi, mil annos ainda ?

Nos tempos fóra ;
Mas sendo apenas,
A luz d'agora !

342

Do lado menor de *Pégaso*,
N'uma recta prolongada,
Vão, por fim, cahir os olhos
Em *Fom-al-hut*, azulada.

Fanal sidereo,
Que vem subindo
D'outro hemispherio !

343

Astro de immensa pureza,
Brilhando em noite estival,
E', de primeira grandeza,
A *bôca do Peixe Austral* !

Um facho azul,
Rompendo névoas,
Ao sul ! ao sul !

344

Em templos, foste adorada
Por um povo que morreu,
Longinqua estrella sagrada,
Vinda do mar Erythreu.

Sobre as areias,
Estrella, nuncia
Das grandes cheias!

345

Deus *Oxyrhinco* ! deus *Phagro* !
Deus-Peixe, *Oannés*, *Dagão* !
Terraços de Babylonia
Agora, não beijas, não !

Longe, fulgindo!
Chegas ao Tejo...
Já vens do Indo !

346

Mais ao sul, mais baixo ainda,
Levando teus olhos vou,
— Noite pura, não brumosa, —
A' constellação do *Grou*.

Deixa que forme
De tres luzeiros
O esquadro enorme !

347

Inda a sul, do *Grou* a leste,
Entre o *Peixe* e o *Eridano*,
Alpha da *Phenix* distingo,
Em poucas noites do anno.

Eil-a, esfumada . . .
Vem, marquezinha,
Que é plana a estrada.

348

Une *Markab* a *Algenib* ;
Vae, agora, em recta andando ;
Na esquerda, deixa a *Baleia* . . .
Lá vem *Phenix* scintillando !

Bem vi ; bem leio ;
Ficaste presa,
Da estrada ao meio.

349

Ao meio . . . distancia exacta ;
Rebrilha, sósinha e bella !
E' *Diphda*, um sol de prata . . .
Bem sei ; não me esqueço d'ella !

Luz branca e fria !
Vae augmentando
De dia a dia !

350

Ha de ser rival de *Vega* ;
Alvura ! brilho ' belleza !
Ficaste presa em seus raios . . .
Tiveste razão, marquezia !

Um facho puro ;
E o ceu, em torno,
Deserto, escuro.

351

Mais a léste : eis o *Eridano* !
Pótamos, o *Rio*, *Al-nahr* !
Só vemos, onde começa,
Não, onde vae acabar.

Corre, serpeia,
Do lado d'*Orion*,
Sobre a *Baleia*.

352

Vae, depois, descendo ao sul ;
Ao pé da *Phenix* divaga ;
Arrasta areias de luz,
E uma estrella em cada vaga.

Pára, afinal,
Ao longe, ao longe,
No ceu austral.

353

Tem, no extremo, um sol enorme ;
D'aqui, nunca o viu ninguem ;
Poz n'elle os olhos, Jesus,
No ceu de Jerusalem.

Vê-te brilhar
O Egypto, a India . . .
O' *Akher-nahr* !

354

Sobre os desertos da Arabia,
Pousam teus raios divinos ;
Rebrilhas no ceu de Mecca,
O' estrella dos peregrinos !

Astro da Fé !
Viu-te Jesus,
E Mahomet !

355

Na marcha eterna dos Tempos,
Vens para o norte, subindo ;
Nunca, porém, serás vista,
Aqui, sobre nós, fulgindo !

Tens de voltar,
De novo, ao sul,
O' *Akher-nahr* !

356

Dobrando o Cabo africano,
Viram-te os aureos fulgores,
Olhos erguidos ao alto,
Os nossos navegadores.

Etherea chamma !
Astro da Gloria !
Fanal do Gama !

357

Quantas almas adoçaste ?
Quanto rijo coração ?
Quanto olhar a ti chamaste
Na tua scintillação ?

Beijos fagueiros,
Em almas rudes
De marinheiros !

358

Olhae, galeões dourados,
Do sul os mares bemquistos, |
Nunca d'antes navegados,
E ceus, nunca d'antes vistos !

Olhae, vigia,
A estrella d'ouro,
Que as naves guia !

359

Ondas de puro cristal,
Quem para o sul vos impelle ?
Longa, celeste caudal,
Vinda da estrella *Rigel*.

Corre, *Eridano* !
Cobre de estrellas
O mar indiano !

360

Páras teu curso nos ceus ;
Que vês em baixo, que vês ?
Naves ignotas velejam ;
Trazem pendão portuguez !

O' *Akher-nahr* !
Sê-lhes propicia
N'aquelle mar !

361

Subamos, de novo, o rio,
Olhos fitos no Equador ;
Paremos ao pé dos *Magos*...
Que riqueza ! que esplendor !

Lumes ! pharoes !
Ninho de estrellas !
Berço de soes !

362

Desenrolado, ao nascente ;
Na vastidão tremulante ;
Largo estandarte de luz !
O' constellação gigante !

Órion, potente,
D'astros primarios
Resplandecente !

363

Livro aberto, aberto sempre !
Só depois que a Terra existe,
Quanta grandeza douraste ?
Quanta miseria cobriste ?

Fundo thesouro !
Folhas de lucto,
Paginas d'ouro !

364

Gottas formadas, — quem sabe? —
De olhares angustiados,
De fundos prantos vertidos,
E de alentos exhalados !

Moradas calmas
Da pura essência
Das nossas almas !

365

Eterna mansão da Vida,
Vossos limites transpuz ;
Viu minh'alma o infinito,
Em cada ponto de luz !

Subiu ! subiu !
Viu tanto ! tanto !
Não sei que viu !

366

Guerreiro de cotta argentea,
E manto de azul retinto,
Dois solitarios nos hombros,
E tres topazios no cinto.

Pende-lhe a espada,
De pontos d'ouro
Tambem crivada.

367

A que o manto prende, á esquerda,
E' *Ibt-al-jauza*, ouro puro;
Porém, na espadua direita,
Bellatrix lh'o tem seguro!

E, d'este lado,
Sobre *Rigel*
Um pé firmado.

368

Delta, do cinto a mais alta,
Engastada foi, com arte,
Na linha, que a esphera inteira
Em dois hemispherios parte.

Posta, a rigor,
Precisamente,
Sobre o Equador.

369

De *Capella* desce a *Nath* ;
Sempre a direito caminha ;
Vaes cortar de norte a sul,
A constellação-rainha !

Inda, descendo,
A *Lebre* cortas,
Que vae correndo.

370

N'esta vês a estrella *Arneb* ;
Mais baixo, um pouco, a *Nihal* ;
Perto uma gotta purpurea
Da côr de um manto real.

Vimos, assim,
Outra, em *Cepheu*,
A carmezim.

371

Da *Lebre* a estrella sanguinea,
A' lente, apenas, fiel,
Quasi que fica na linha
De *Bellatrix* a *Rigel*.

Desce d'ali :
Velludo negro ;
Eis o rubí!

372

Rubro facho moribundo !
Cadaver d'estrella exangue,
Ardendo na pyra funebre
Em labaredas de sangue !

Astro granada !
Gotta carminea,
Incendiada !

373

Alma, anciosa da morte,
E condemnada a existir ;
Que a si mesma se devora,
Sem jámais se consumir !

Quasi a morrer ;
Mas de si propria
A renascer !

374

Morte, que é vida sem fim !
Existencia luminosa,
Em poentes de carmim,
Em alvoradas de rosa !

Clarões sidereos !
Que luz ! que sombra !
E que mysterios !

375

Lébre ! Al-arnab, dos Arabes !
D'Órion, aos pés, extendida !
Throno immutavel da esphera !
Da Grecia já conhecida !

Abaixo, brando,
Lá vem a *Pomba*,
Subtil, voando.

376

Branca *Pomba* mensajeira,
Teu alvor louvando fico !
A' *Barca* voltas, ligeira,
De ramo verde no bico !

De um lado, o *Rio* ;
A léste, — enorme ! —
Eis o *Navio* !

377

Crearam-te os nossos, sim,
A ti, celeste padrão,
De alguma nau portugueza,
Em longa navegação !

Brilha e rebrilha !
Pomba celeste !
És nossa filha !

378

Viram-te aquelles que foram
Do mar descerrando os veus;
Novas terras descobrindo,
Descobrindo novos ceus !

Pomba real,
Batendo as azas
No ceu austral !

379

Porém, voltemos aos *Magos* :
Eis os tres na mesma fila;
Segue a recta ; indaga a leste ;
Lá vem *Sirio* ! já scintilla !

Das plagas summas,
Vibrando raios,
Rompendo brumas !

380

Agora, a oeste, desdobra
Em recta, sempre, o novello;
Encontras *Aldabaran*,
E depois o *Septestrello*.

E tens, suspensa,
Órion, a meio
Da recta immensa!

381

Já vês *Sirio*; já vês *Prócyon*;
Duas gôttas scintillantes;
Ibt-al-jauza, acima, a oeste . . .
Todas tres equidistantes.

Distancia exacta;
Mais perto, um pouco,
Rigel, de prata.

382

Ibt-al-jauza, um banho d'oiro !
Rigel, de prata desfeita !
Aquella, tendente ao rubro ;
Esta, a brancura perfeita !

Jardins da Vida !
O' lyrio d'oiro !
O' margarida !

383

No cinto é *delta*, *Mintak* ;
A do meio é *Alnilam* ;
Depois *Alnitak*, a extrema . . .
No gladio, *Thabit*, irmã.

Proximo, um veu :
Eis o portento
Maior do ceu !

384

Repara, a oeste de *Sirio*,
N'outra, ridente e louçã;
Tem não sei quê de fraterno,
Ella, a virginea *Mirzam*.

A leste, além,
Na mesma linha,
A *Muliphem*.

385

Ao sul vem tres; um triangulo.
Wesen, ao norte apontando;
Adhara, ao lado da *Pomba*;
Aludra, a *Nave* espreitando.

Fica traçado
O *Cão Maior*,
O *Cão* sagrado.

386

Abaixo dos *Gêmeos*, vimos
A estrella do precursor ;
Mais diligente que *Sirio*,
A *Prócyon*, do *Cão Menor*.

Ponta de setta
Voando ao norte,
Gomeiça, *beta*.

387

De *Prócyon* ao lado esquerdo,
Enorme, a *Hydra* começa ;
Do largo, extenso horisonte,
Inteiro, um quarto atravessa.

Delgada, avança ;
Do *Cancer* parte,
Chega á *Balança*.

388

Primeiro, ao sul do *Leão*,
Os seus aneis desenlaça;
Ahi, mal segura, instavel,
No dorso equilibra a *Taça*.

Grupo indeciso,
De treze sóes,
Que mal diviso.

389

Ao sul da *Virgem* caminha,
Alastra a cauda sem estorvo,
Do *Centauro* se avisinha,
Entre este passando e o *Corvo*.

A léste! siga!
Lá fica, ao norte,
Sósinha, a *Espiga*!

390

Da *Hydra* quasi ao começo,
Um sol vivissimo arde;
Procura abaixo de *Régulo*...
Lá vem, solitaria, *Alphard*.

Sol isolado,
N'um campo, d'astros
Despovoado !

391

Alphard, vermelha quasi,
A estrella régia da China,
Que ha mais de quatro mil annos,
Aquelle povo examina !

Rubros clarões ;
Ave phantastica,
Nos seus pendões.

392

Hydra, Serpente celeste!
Rastejas na vastidão;
Em cada annel uma estrella,
Alphard, no coração.

Junto á *Balança*,
Ainda o *Tordo*
Em ti descança.

393

Sempre abaixo, muito ao sul,
Abaixo da *Hydra*, ainda,
Vê-se o dorso do *Centauro*,
Que n'outra cupula finda.

Firme, certoiro,
Os pés robustos
Sobre o *Cruzeiro*.

394

Constellação d'outros ceus,
Onde, em mente apenas, vou ;
Que o teu berço, marquezinha,
Muito longe illuminou.

Do Sul a *Cruz* ;
A que os teus olhos
Encheu de luz !

395

Cruz do Sul, que eu nunca vi ;
Que mal posso imaginar ;
Teu poder jámais senti,
Teu fulgor não sei cantar.

N'outros espaços
Abres, agora,
O' *Cruz*, os braços !

396

Foi gente nossa a primeira,
Que te viu na esfera austral ;
Olhos foram portuguezes,
E naves de Portugal !

Cruz resplendente !
Farol de esperança
Da nossa gente !

397

Novos limites marcavas,
E mundos novos abrias,
— Chave de um novo hemispherio, —
Aos companheiros do Dias !

Olham-te... e vão
Atraz de ti,
O' tentação !

398

Ondas ignotas, profundas ;
Mysterio denso das trevas !
Cruz scintillante do *Sul*,
Onde os levas ? onde os levas ?

Grupo divino !
Vae á conquista
Do velocino !

399

Nuncias das glorias passadas !
Luzes altas, argentinas,
Devieis andar bordadas
Sobre a bandeira das Quinas !

Do lado azul,
Em raios vívidos,
O' *Cruz do Sul* !

400

Firma o compasso na *Espiga*,
Alpha abrange da *Balança*,
Gira a sul, depois a oeste,
Do *Centauro*, *thêta* alcança.

E quando a achares,
O *Lobo* encontras,
Direita a *Antares*.

401

Pertence ao *Centauro* fero
O sol mais perto do nosso;
Esse, porém, marquezinha,
Tambem mostrar-t'ô não posso.

Brilha, persiste,
Nos ceus austraes,
Que outr'ora viste.

402

Eram estes, — não me engano ? —
Como acabo de os contar,
Os astros, que em noites limpidas,
Se avistavam do solar.

Sois inda vivas
Noites ditosas,
Contemplativas !

403

Vós, planetas, éreis próximos,
Não vos démos atenção !
E a *Lua* pertence á terra ;
Até se lhe põe a mão.

Pequenas brazas ;
São borboletas
Batendo as azas !

404

Vitreos globos cristallinos,
Suspensas espheras nuas,
São a Terra, mais ou menos,
E com mais ou menos Luas.

Flotilha alada,
Que vae mostrando,
Não sermos nada!

405

Ah! quanta vez, marquezinha,
Ambos, a sós, no terraço,
Seguimos, d'olhos attentos,
As maravilhas do espaço!

Com que alegria,
Se perguntavas,
Eu respondia!...

Depois, em fundo silencio,
Rasgando, subito, um veu,
As nossas almas voavam
Fraternalmente no ceu !

Pudesse eu vê-l-as,
Brilhando, unidas,
Entre as estrellas !





Barcarola de Graziella

I

Além, já fóra do Tejo,
Andei vogando com ella.
O' verdes aguas salinas!
O' barca de Graziella!

Braços aos remos!
Ao mar! ao mar!
Amor voguemos!

2

Tudo em volta são jardins ;
Que formoso eu acho o mundo !
Verdes aguas cristallinas,
Areias d'ouro no fundo !

Braços aos remos !
Ao mar ! ao mar !
Amor voguemos.

3

Esta barca abençoada,
Sobre a vaga, enquanto corre,
Vae deixando, atraz, em espuma,
Uma esteira, que não morre !

Braços aos remos !
Ao mar ! ao mar !
Amor voguemos !

4

O' passado, não me lembres !
O' futuro, cerra o veu !
Como a terra está distante !
Tudo é mar, e tudo é ceu !

Braços aos remos !
Ao mar ! ao mar !
Amor voguemos !

5

Como tu, por sobre as aguas,
Tambem anda o coração,
Sobre as ondas d'esta vida,
N'uma eterna fluctuação !

Braços aos remos !
Ao mar ! ao mar !
Amor voguemos !

6

Quem pudesse ter aqui
Nossos olhos, frente a frente,
Confundidos n'um olhar,
Que durasse eternamente !

Braços aos remos !
Ao mar ! ao mar !
Amor voguemos !

7

Barca esbelta e pequenina,
Corta as ondas com vigor !
Vae na pôpa Graziella,
Vae ao leme o meu amor !

Braços aos remos !
Ao mar ! ao mar !
Amor voguemos !



Fins de junho

I

Ceu limpo, de azul intenso ;
E, pelos campos, ao lado
Dos milharaes inda verdes,
Médas de trigo ceifado.

Moças ligeiras,
Afadigadas,
Limpendo as ciras.

2

Pelas quebradas, os choupos
As altas frondes inclinam ;
Bois amarellos, lunados,
Sobre os restolhos ruminam.

Nos ares treme,
Cahindo, a calma ;
A nora geme.

3

Sedentas, sobre o beiral,
As andorinhas piando ;
Perto, as abelhas zumbindo,
Longe, as cigarras cantando.

Aves, a medo,
Soltando queixas,
Pelo arvoredos.

4

Em degraus, encosta acima,
Inda não farta de sol,
A vinha, cheia de viço,
Extende o verde lençol.

No chão maninho,
Moitas de cardos,
Junto ao caminho.

5

De espaço a espaço, no monte,
Cinge, a cepa trepadeira,
O velho tronco musgoso
De alguma rara oliveira.

E n'esta, ingrata,
A folha negra
Forrada a prata.

6

No ribeiro, enxuto quasi,
Deriva delgada veia ;
Desce em ondas o calor
Sobre os telhados da aldeia.

A sombra mesta
Do figueiral
Convida á sesta.

7

Ao longe, dardeja lume
A branca fita da estrada...
Vemos o quadro, sósinhos,
Na funda, umbrosa latada.

Sente-se, em torno,
Um ar pesado,
Tranquillo e morno.

8

Qual rosa branca de junho,
Veste de branco, ligeira ;
Indolente, os braços poussa
Sobre os braços da cadeira.

Em mesa, perto,
Um leque, e ao lado
Um livro aberto.

9

Na copa dos largos plátanos
Nem uma folha bulindo...
Conversamos... docemente...
Do calor, que está cahindo !

Mas sinto, em brazas,
Os pensamentos
Batendo as azas !

10

Trocamos palavras breves ;
Perto estamos ; perto e sós...
Quem te extende, ameaçadora,
Ignea espada, entre nós ?

Alma banida,
Da terra ideal
E promettida !

11

Cae a calma ; emmudecemos.
Tudo, em volta, é frágoa viva !
Pensativo... cerro os olhos ;
Os teus desces... pensativa !

Quão longas crises !
Eu nada digo...
Tu nada dizes...

Arde, embalde, junho ardente !
N'alma tens um frio eterno !
Quem tem coração de gêlo,
Traz sempre consigo o inverno.

Ardor do estio !
Ao lado d'ella . . .
Eu sinto frio !



CCLXXXIX

E's feliz ! N'um berço ao lado
Teu filho !.. Não sei que tem...
Salve ! fructo abençoado !
E' teu ! é já meu, tambem !

Alma do ceu !
D'ella o melhor
Bem sei que é meu !

CCXC

Berço de um rei pequenino,
Envolto em gazes nevadas ;
Leve-te a mão do Destino
Alem, ás plagas sagradas

Do eterno brilho,
Que toda a mãe
Deseja ao filho !

CCXCI

Ninho de plumas, coberto
De cortinados de renda ;
Um canto de ceu aberto,
Que, das mães, o olhar desvenda !

Sol vivo e puro,
De luz enchendo
Todo o futuro !

CCXCII

Regaço brando de arminhos,
No qual não entra ninguém ;
Onde ellas fecham, sósinhos,
Todos os sonhos de mãe.

Cofre esplendente,
Guardado á vista
Ciosamente !

CCXCIII

Altar de amor sacrosanto,
Que a toda a mãe traz sustida
N'aquella fonte de encanto,
N'aquella aurora de vida.

Cheio de luz !
E's o presepio
De algum Jesus !

CCXCIV

Teu peito, mãe, desopprime ;
Espera e fica velando.
O' fragil cesta de vime,
Que o Nilo vae arrastando,

Quem sabe se és,
Talvez, o berço
De algum Moisés !

CCXCV

Batel, nas ondas, precario ;
Eis o caminho do solio !
Não penses, mãe, no Calvario ;
Vê sómente o Capitolio !

Não ergues, não,
Alto de mais
O coração !

CCXCVI

D'alma, vergonteaas mimosas ;
Fructos de amor e carinhos !
Quantos teem c'rôas de rosas,
Por um que a teve de espinhos ?

Não é chimera !
Deseja, sonha,
Confia, espera !

CCXCVII

Tens no regaço um thesouro,
Teu coração não te engana ;
Quantos reis teem sceptro d'ouro
Por um que o teve de cana ?

Visões ! assombros ;
Manto de purpura,
Nos regios hombros !

CCXCVIII

Dorme !.. acalenta-lhe o somno !
Vejo te a alma !.. reluz !
A quantos foi dado um throno,
Por um que só teve a cruz !

Um Deus sustêm
Teus braços niveos...
Ditosa mãe !



Os Cavalleiros do Ideal

*Bem sabes, que foi teu gosto
Quando as lendas traduzi,
De Rudello, o trovador,
Do Castellão de Coucy !*

*Lembranças tuas !
Que affinidade
Senti nas duas !*



Rudello, o trovador

Cavalleiro honrado e nobre
Foi Rudello, o trovador ;
Ninguem, tão triste e queixoso,
Nem, tão bem, cantou de amor !

*

Alto o pensamento poz
N'uma dama singular ;
Mas ninguem soube quem fosse
A dama do seu cantar !

*

Viveu no mundo dos sonhos,
— Sobrenatural e bello, —
A que pairou magestosa
Nos cantares de Rudello.

*

Só nos mysterios da noite
Ao trovador apparecia,
Como um sonho fluctuante
Creado na phantasia.

*

Quando tentava abraçal-a,
Adeus, sonho ! adeus, encanto !
N'um cantar melodioso
Mudava elle o seu pranto.

*

N'aquelle tempo, — diziam
Os mestres de cada armada,
Cavalleiros, peregrinos
Que voltavam da cruzada,

*

Que entre todas as formosas
Que cobria o sol jocundo,
Era a condessa de Tripoli
A mais formosa do mundo ! —

*

Então, Rudello, o cantor,
Quando taes vozes ouvia,
Córava, e mais apressado,
O coração lhe batia.

*

Vagava, só, pela praia,
Onde, garbosas e bellas,
As galeras dos cruzados
Já enfunavam as velas.

*

Mar incerto e turbulento,
Mar sem fundo, illimitado,
Como embala o teu deserto
Um desejo desvairado !

*

Correm no mar as galés ;
Vão das ondas ao sabor ;
N'uma d'ellas, para Tripoli,
Vae Rudello, o trovador.

*

Mar cavado e tenebroso,
Em constante agitação ;
Há tempestades em tí...
Majores no coração !

*

D'umas e d'outras, Rudello
Vae cançado e vae doente ;
Mas não quer sahir da tolda
Olhos fitos no nascente.

*

Surge, emfim, na praia ao longe,
— Visão das outras irmã ! —
Um palacio todo jaspe,
Nos alvares da manhã !

*

Brisa leve e carinhosa !
Como a galé vae levada !
Eil-a que entra, prôa altiva,
Na bahia socegada.

*

Outra assim jámais verieis,
De tão gentil navegar ;
Do seu terraço, a condessa
Viu a galé fundear.

*

As novas todos lhe dizem
Do trovador que chegou ;
D'aquelle, que só por ella,
As ondas do mar passou.

*

A condessa, em alvoroço,
Seguida da sua aia,
Já desce as largas escadas,
Pisa as areias da praia.

*

Aguas tranquillias, que a brisa
Ligeiramente enrugava !
No mesmo instante, Rudello
A mesma praia pisava.

*

Pallido, apenas se firma ;
Correm braços a sustêl-o ;
São vacillantes seus passos,
Dóe-se a condessa de vêl-o.

*

Que voz doce lhe dirige !
Já, meiga, lhe estende a mão.
Cáe Rudello inanimado ;
Partiu-se-lhe o coração.

*

Altos funeraes pomposos
Teve o trovador divino !
Um monumento de porphyro
Conta o seu triste destino !

*

Mandou a nobre condessa,
Em letras d'ouro, compôr
As canções melodiosas
De Rudello, o trovador.

*

No seu terraço isolada,
Onde mais ninguém a vê,
Jámais d'ellas se distrae
E longas horas as lê.

*

Por fim, prantos copiosos
Aos olhos tristes lhe vêm ;
Até que um desejo ardente
Se apossa d'ella, também.

*

E deixa a côrte ruidosa,
Pela funda solidão ;
Vae, nos muros de um convento
Socegar o coração !



O Castellão de Coucy

Em tempos que já vão longe,
Uma historia triste ouvi;
A triste historia de amores
Do Castellão de Coucy.

*

De mão firme sobre o peito,
O coração comprimiu,
Ante a dama de Fayel,
A vez primeira que a viu.

*

Desde esse instante primeiro,
Não mais cantou de alegrias.
Que tristes canções as suas !
Que suaves melodias !

*

Tão lastimoso o seu canto !
Que magoa inutil aquella !
Nunca havia de bater
Seu coração contra o d'ella !

*

Sempre severa, a condessa
Reprime signaes de agrado
A' canção que lisonjeia
O seu gosto delicado.

*

E sempre silenciosa,
De coração comprimido,
Em nada offende jamais
Seu orgulhoso marido !

*

Alma triste, por que esperas ?
Porque te prendes ahí ?
Já vaes socegar, ó alma
Do Castellão de Coucy !

*

Dos confins da Terra santa
Uma esperança lhe reluz;
Enverga armadura ferrea,
E põe sobre o peito a cruz.

*

Alem, a quanto infiel
Fez morder o pó do chão!
Mas, por fim, setta mourisca
Lhe atravessa o coração!

*

Não lhe valeu peito d'aço,
Nem a cruz do Salvador;
Mas na hora extrema, ainda
Quanto disse, foi de amor.

*

«Em este meu coração
Não batendo, — ouve, donzel! —
Has de leval-o, alem mar,
A' condessa de Fayel!»

*

E o Castellão de Coucy
Em Terra Santa finado,
Dorme, á sombra de uma cruz,
Somno eterno, abençoado.

*

Na mesma cova repousam
Sua espada, sua lança ;
Mas seu coração cançado,
Esse ainda não descança !

*

Balsamos puros da Syria
O teem, de todo, envolvido,
E guarda-o mão cautelosa
Em urna d'ouro mettido.

*

Jurara o pagem cumprir
Missão, que tem por divina ;
Embarca, por fim, zeloso
N'um porto da Palestina.

*

Ruge feroz tempestade ;
Vergas, mastros, tudo geme ;
Palpitam todos de angustia . . .
Um só coração não treme !

*

Gageiro que vae na gavia,
Costas de França já viu ;
Exultam todos os peitos . . .
Um só coração é frio !

*

Ao fim da sua missão
Já chega o pagem fiel ;
Já vae seguindo apressado
Na floresta de Fayel.

*

Já todo o castello, perto,
De uma clareira se abraça ;
Ouvem-se gritos no bosque,
Resôam trompas de caça.

*

Segue, em tropel, a matilha ;
Corre um gamo já ferido,
Cae, torna a erguer-se, recae
Junto ao pagem, extendido.

*

Eis que chegam, precedidos
De gritos atreadores,
O conde, a todo o galope,
Depois, os mais caçadores.

*

N'um momento, sem refugio,
Vê-se o pagem rodeado ,
Todos os olhos se fitam
No vaso d'ouro sagrado.

*

Vae um a deitar-lhe a mão,
Impõe-lhe o pagem respeito ;
Um passo recúa, e diz
Apertando o contra o peito :

*

«Senhores, deixae-me em paz ;
Trago um coração aqui ;
É d'um nobre cavalleiro,
Do Castellão de Coucy.

*

«Morreu, penando de amor
Por uma dama divina,
Varado por uma setta
Em terras de Palestina.

*

«Mas, antes que a sua alma
Ao seio de Deus subisse,
Na hora extrema da vida,
Estas palavras me disse :

*

«Em este meu coração
Não batendo, — ouve, donzel! —
Has de leval-o, além mar,
A' condessa de Fayel !»

*

«Essa dama bem conheço !»
Diz o conde cavalleiro.
N'isto arranca o vaso d'ouro
Bruscamente, ao escudeiro.

*

Eil-o que parte a galope,
A toda a brida correndo ;
Leva o coração gelado
Junto ao seu, que vae ardendo.

*

Corta a selva, sempre em frente ;
Corre, corre, não descança ;
Já lhe tarda pôr em obra
Negra idea de vingança.

*

Entra as portas do castello,
Chama o melhor cosinheiro :
«Preparem lauto banquete,
O gamo sirva-se inteiro !»

*

Ha de a cosinha dar provas
De quanto seja capaz;
Prato melhor do festim,
Um coração que ali traz !

*

Horas depois, o manjar
Ricamente guarnecido,
Era, na mesa dos condes,
Em prato d'ouro servido.

*

O conde pega no prato,
Ergue-o de cima da mesa,
E á castellã, sua dama,
Offerece-o, com gentileza.

*

«Da caça por mim caçada,
— Diz, galante, o castellão, —
Bem sabeis, que sempre foi
Para vós o coração ! »

*

Mas quando a dama o provou,
— Sem que se saiba explicar, —
Os olhos nadam-lhe em pranto,
E começa a soluçar.

*

Então, o conde, n'um riso
De selvagem, lhe dizia :
«Coração de pombo, é certo,
Que produz melancolia ;

*

«Mas quanta mais não fará
Aquelle que vos servi,
Do que tão doce cantava...
Do Castellão de Coucy !»

*

A taes palavras do conde,
Tão injusto e tão cruel,
Põe-se de pé, magestosa,
A condessa de Fayel.

*

«Grande mal fizeste, conde!
A minha vida foi calma;
Mas provar tal coração
Póde bem mudar um'alma!

*

«Nunca, Senhor, vos faltai,
Nem vos faltaria, viva;
Mas O que em vida não poude,
Em morte me tem captiva!

*

«Sim, vou morrer, é forçoso!
Communguei por vossa mão!
Mais alimento não toma
Quem provou tal coração!

*

«Só vos desejo, Senhor,
D'Aquelle que a todos sente,
Em chegando a vossa hora,
Uma sentença indulgente.»

*

Tristes cousas vos contei ;
Mas eis a historia fiel
Do Castellão de Coucy,
Da Condessa de Fayel.

*Bem sabes que foi teu gosto
Quando as lendas traduzi
De Rudello, o trovador,
Do Castellão de Coucy.*

*Lembranças tuas !
Que affinidade
Achei nas duas !*



A Senhora da Nazareth

I

Inda, ha bem pouco, te vimos,
Senhora da Nazareth!
Que sanctuario divino!
Nenhum outro tanto o é!

Onde terminam,
As rochas bravas,
Que o mar dominam ?

2

Ali contempla oromeiro,
Cheio de jubilo infindo,
Pelos tectos e pilares,
Os cachos d'ouro subindo.

Quer a esculptura
Symbolisar
O quê? Fartura?

3

Que dias tão repousados!
Que natureza tão bella!
Passeios dados, de tarde,
Na longa estrada da *Cella*!

Agosto brando!
Milho, que o sol
Já vae dourando!

4

Subito, ao longo das rochas,
Referve o mar em cachões.
Ao longe, surgem das nevoas,
Berlengas e Farilhões!

Sol a tombar!
Oiro e carmim
E' todo o mar!

5

Mar immenso e reluzente,
Que em ondulações de cobra,
Sempre, na mesma bahia,
As mesmas ondas desdobra!

Manto sagrado,
Por um gigante
Desenrolado!

6

Larga varanda de toldo,
Em casinha sobre a praia,
Onde o mar phosphorescente,
Já de cançado desmaia !

Cheia de horrores,
A vida rude
Dos pescadores !

7

Azul sempre recortado
Pelas azas das gaivotas !
Vão, ao longe, velejando
Dos pescadores as frotas !

Enche-os de fé,
A Virgem Santa
Da Nazareth !

8

Terra antiga, abençoada ;
De passado milagreiro !
O' milagre sempre crido !
O' lenda do Cavalleiro !

Lenda sagrada,
Por largos seculos
Acreditada !

9

Lenda velha ! quanta gente
Te aprendeu, antes de mim !
Quantos, quantos te souberam !
Mas ninguem te viu assim.

Quem te desvenda
Sou eu, tão só . . .
E's falsa, lenda !

10

Quando ao cervo, na caçada,
Pelas brenhas o seguias,
Não soubeste, cavalleiro,
Que um Ideal perseguias!

Era a visão !
Porém, faltou-te
O coração !

11

Quem vê bem um sonho d'alma,
Quem intensamente o fita,
Por elle, até, — se o quizerem, —
No inferno se precipita.

Bem mal andou
Quem, no galope,
Te demorou !

Fez-se o milagre da lenda ;
Contentou-se a devoção ;
Mas, paraste, cavalleiro...
Não, não cumpriste a missão !

N'essa partida,
Perdeste a alma...
Salvaste a vida !

CCXCIX

Amante que mais amasse,
Como eu amo não amou;
Tambem Petrarcha amou Laura...
Mas Petrarcha desejou!

Combate rude
Lhe deu, constante,
D'ella a virtude.

CCC

Desgraçado! estou mentindo!
Meus desejos recalquei.
Eu amei-a... como se ama...
Muito tempo a desejei.

Desejo enorme!
De fera, agudo
E desconforme!

CCCI

Amor ! Sêde inextinguivel !
Sêde intensa, que não passa !
Sêde, tanto mais ardente
Quanto mais proxima a taça !

Oh ! com que ardor,
Eu te senti,
Sêde de amor !

CCCII

Força nativa, — o desejo —
No sangue referve e pula ;
E' como a seiva da vida,
Que em nossas veias circula.

E' rubro, quente,
Tumultuoso,
Impaciente !

CCCH

Amor! desejo! prazer!
Eis do affecto a escala inteira.
Vae da pureza celeste
A' bruteza verdadeira.

Do amor subtil,
Ao prazer baixo,
Que é lama vil.

CCCIV

Amor! perfeição e graça,
Que eu de neve e luz revisto!
O' virgindade dos anjos!
O' castidade de Christo!

Amor! visão!
Só d'almas brancas
Aspiração!

CCCV

Amor ! sustento das almas !
Taça, a verter ambrozía !
Mel, onde os labios mal tocam...
Que puro nectar seria,

Ah ! se não fosse,
Doçura amarga,
Veneno doce !

CCCVI

Lago, onde os olhos demóro,
E onde, amargamente, vejo,
Atravez das aguas limpidas,
Sempre o lôdo do desejo !

Fundo ruim,
Que eu sempre achei,
Nos mais... em mim!..

CCCVII

Mau pensamento do instincto,
Que eu tanto tempo afaguei!
Nas intimas sombras fundas,
Nunca de mim te afastei!..

Ah! desejei!
Se foi peccado,
Senhor! pequei!



Serenata dos Mendigos

I

Ouço, além, na velha estrada,
Melodias avançando;
Como gemem as violas!
São mendigos ; vem tocando.

Que tom plangente!
Como elles tocam
Tão tristemente!

2

Que doces palavras dizem !
Por Amor vão supplicando ;
Mas ninguem lhes abre a porta...
São mendigos ; vão cantando.

E' pobre gente !
Como ella canta
Tão meigamente !

3

Vão, de amor em trovas meigas,
Seus corações embalando ;
E não páram, não descançam...
São mendigos ; vão andando.

E, sempre em frente,
Lá vão seguindo,
Pausadamente.

4

Em doces queixas sentidas,
Vão saudades lamentando ;
Suas vozes teem soluços . . .
São mendigos ; vão chorando.

Ninguem os sente ;
Como elles choram
Amargamente !

5

Mas eis que se abre a janella ;
E' sua voz perguntando.
— Senhora, não é ninguem . . .
Irmãos meus, que vão passando ! —

Cantar dolente !
Tenho-te n'alma,
Perpetuamente !

CCCVIII

Victorias tenho descripto,
Que aos olhos de amor me elevem ;
As luctas não descreví ;
Mas essas não se descrevem.

Achei-me só ;
Luctei, luctei,
Como Jacob.

CCCIX

Quantas vezes imagino
Ou sonho... Sonho fallaz !
Que d'este ponto em que estamos,
Voltamos, de novo, atraz !

Quem não quizera
Fazer, do inverno,
A primavera !

CCCX

Afunda-se, morto, o sol
Na sepultura do mar ;
Passa-se a noite da morte,
Torna a nascer e a brilhar !

Cheio de ardor,
Não perde um raio
Do seu calor !

CCCXI

Só tu, coração humano,
Que o tempo cruel devora,
Em noite infinda te apagas,
E, nunca mais, tens aurora !

Tu, coração,
Só tu não tens
Resurreição !

CCCXII

Voltar atrás ! Para quê ?
Onde estaria a mudança ?
Esperança ! outra vez perdê-la !
Ou voltar atrás, sem esperança !

Alma illudida !
Esse viver
Não era vida !



O caminho da vida

1

Já vejo o fim da jornada,
Meio caminho se andou ;
Vamos descendo na vida,
A mocidade passou.

Não ha parar ;
Seguir, seguir ;
Andar, andar !

2

Como a tua, vae minh'alma,
De puro linho vestida ;
Dá-me o braço, companheira ;
Agora é sempre descida.

Não há parar ;
Seguir, seguir ;
Andar, andar !

3

Vês a cruz que nos espera ?
Ao sol poente reluz.
Pela estrada percorrida,
Deixámos mais de uma cruz.

Não há parar ;
Seguir, seguir ;
Andar, andar !

4

Ergue o teu espirito, filha!
Socega, meu coração!
Para ti, a morte é esperança!
Para mim... quietação.

Não ha parar ;
Seguir, seguir ;
Andar, andar !

CCCXIII

Não me illudiste, mulher !
Não mentiste ao coração !
Foste um sonho, bem conheço ;
Mas não foste uma illusão.

Sonho ! tormento !
Não lhe fugi ;
Não me lamento.

CCCXIV

Sonho vivo, que em minh'alma
Docemente alimentei !
Se entre nós há fingimentos,
Fui eu só quem os criei.

Hão de elles ser
A minha gloria,
O meu prazer !

CCCXV

Sonho de vida, de alento,
Do qual é triste acordar!
Que se não pensa que é sonho,
E se quer continuar!

Sonho ridente!
Quem te sonhára
Eternamente!

CCCXVI

Fôste espelho á minha vida,
Alma pura de cristal!
Quem viu n'elle reflectida
A sombra sequer do mal?

Sonho! bem sei;
Mas inda bem
Que te sonhei!

CCCXVII

Nas mil veredas da vida,
Sempre minh'alma a seguiu ;
Nunca palavra mais dura
D'aquella bôca sahiu.

Condão do ceu!
Poupar durezas
A quem soffreu !

CCCXVIII

Por isso tens minhas benções,
Tu, impassivel, mas boa ;
Porque um'alma de poeta
Suas irmãs abençôa !

E a minha, ardente,
Protege a tua
Fraternalmente !



A torre do Amor Ideal

i

Heine, o cantor doloroso
Do *Intermezzo*, no final,
Implora, que lhe construam
Um caixão descommunal.

Que funeraes !..
Esquife immenso,
Não és de mais!

Feito o esquife desconforme,
Que a todos seria assombro,
Haviam de transportal-o
Doze gigantes, ao hombro.

E, então, seria
Tão grande o peso,
Que os vergaria!

3

O seu fim era fechar
N'esse esquife monstruoso,
A sua dôr infinita,
O seu amor desditoso.

Já procurada
A sepultura
Proporcionada!

4

Depois, os doze gigantes,
De joelhos a vergar,
Iriam deitar o esquife
No mais profundo do mar !

Deixando-o, então,
Do abysmo, á eterna
Lamentação !

5

Eu não quero esquife negro,
Nem quero funereo veu ;
Que a minha dôr é suave,
E o meu amor é do ceu !

Onde eu o puz,
Refulge, vívida,
A ethérea luz !

6

Resurjam as gerações
Constructoras das Babeis !
Raça extincta dos Pelópidas,
E da Assyria os alveneis !

Titans irados,
E contra Jupiter
Alevantados !

7

Montanhas da terra inteira,
Rochas fundas de granito,
Duro esqueleto do globo,
Vós, pyramides do Egypto !

Ergam-se aos ceus,
O' Hymalaias !
O' Pyreneus !

8

N'esse pedestal gigante
Umás sobre outras, ou mais,
Sobreponham-se as agulhas
De todas as cathedraes !

Escada immensa,
Firmada em vós,
Azas da crença !

9

Subam ao cimo dos cimos,
D'onde a terra toda os veja,
O' sonhos feitos de pedra,
O' porta - cruces da Egreja !

No azul infindo,
Ao alto, ao alto,
Sempre subindo !

10

Que eu quero, transpondo as nuvens,
Ir, d'ellas acima, alem,
Onde as estrellas habitam,
Onde não chega ninguem ;

Espaços onde
O incoercivel
De nós se esconde ;

11

Da minha torre, no vertice,
Qual sol de eterno fulgor,
Erguer bem alto, bem alto,
Este meu sonho de amor !

Amor sagrado !
Por Deus acceso !..
Por mim guardado !



Salve !

1

Salve, Rainha, purissima !
Salve, dos anjos irmã !
Porta do ceu, reluzente !
Alva Estrella da manhã !

Mimosa ! minha !
Salve, formosa !
Salve, rainha !

2

Luz! *Espelho de justiça!*
Throno da sabedoria!
Arco da eterna alliança!
Causa da minha alegria!

Mimosa! minha!
Salve, formosa!
Salve, rainha!

3

Rosa mystica! divina!
Sacrario de devoção!
Pura! Amavel! Prudentissima!
Refugio! Consolação!

Mimosa! minha!
Salve, formosa!
Salve, rainha!

4

O' modelo da pureza !
Torre esbelta de marfim !
Saude ! Vida ! Belleza !
Velaes, Senhora, por mim !

Mimosa ! minha !
Salve, formosa !
Salve, rainha !

5

Celeste vaso honorifico !
Minha esperança ! meu alento !
Volve-me os olhos, bemdita !
Leva-me em teu pensamento !

Mimosa ! minha !
Salve, formosa !
Salve, rainha !

6

Sacrario de caridade ! . .

Nunca o foste, infelizmente ;

Nem caridosa ! nem *doce* !

Nem *piedosa* ! nem *clemente* !

Mimosa ! minha !

Salve, formosa !

Salve, rainha !

7

Dava-te quanta alegria,

O ceu á vida me trouxe,

Se fosses *piedosa*, um dia,

Se fosses *clemente e doce* !

Mimosa ! minha !

Salve, formosa !

Salve, rainha !

CCCXIX

Doido poema, fechei-te
Dentro de um breve horizonte ;
Sabem falar de saudades
Os eucalytos do monte !

E os cedros, sei,
Tristezas sabem,
Que eu lhe ensinei!

CCCXX

Corações, que não se entendem,
Corações, que eu vejo ir,
Quaes pombos desirmanados,
Sempre um do outro a fugir !

Buscando, asinho,
E, cada qual,
Diverso ninho.

CCCXXI

N'este affecto, andei constante,
A teu gosto, coração ;
Foi, talvez, condescendencia...
Mas não foi obstinação.

Affecto santo !
Do teu perfume
Quiz só o encanto !

CCCXXII

Em sonhos tive, á vontade,
Tive tudo o que sonhei ;
Felicidade impossivel,
Comtigo jámais contei.

Tudo medido ;
Não fui amado,
Nem illudido.

CCCXXIII

Nunca pensei arrancar-te
Do peito, nem um momento ;
Mulher, nunca foste dôr,
Nunca foste soffrimento.

Mulher amada,
Tu foste balsamo,
Não foste espada.

CCCXXIV

Não quiz sorrisos das outras,
Não tive illusões jámais ;
Só nas estrellas do ceu
Tu encontraste rivaes.

Quantas amei !
Mas, nem por ellas,
Te abandonei !

CCCXXV

Phantasma ! sombra de amor !
Mal te encontrei no caminho,
Abri-te os palacios d'alma...
Para não viver sósinho !

Dei-te prisão,
Doirada e facil,
No coração.

CCCXXVI

Goso ineffavel, bastante,
Vêr, juntos, de quando em quando,
As mesmas nuvens fugindo,
As mesmas pombas voando !

Triste, sorrir,
Por não poder
Voar ... fugir !

CCCXXVII

Romance extenso da vida,
Quem te soubera compôr!
Lá dentro, amor intensissimo,
Fóra, nem sombra de amor!

Nem um gemido
Do vendaval
Adormecido!

CCCXXVIII

Algumas palavras boas,
— Talvez ditas sem tenção! —
Às vezes, ficavam dias
A adoçar-me o coração!

Encantamento!
Um dito, um nada,
Deitado ao vento!

CCCXXIX

Demorava-as dentro d'elle,
Prendia-as, sôffrego, ali;
Mas d'essas palavras boas,
Poucas, bem poucas, lhe ouvi!

Ventura dada,
N'um dito breve,
N'um simples nada!

CCCXXX

Porém, ventura mais alta . .
Ventura ?.. não sei que digo !
Foi, uma vez, um silencio . . .
Mas, como isto é antigo ! . .

Não jurarei,
Se tal se deu,
Ou se o sonhei!

CCCXXXI

Dissera... não sei já quê...
Meus olhos fitei nos seus;
Baixou-os .. depois, silencio...
Depois... um simples adeus.

Findava o dia;
Em nuvens róseas
O sol morria.

CCCXXXII

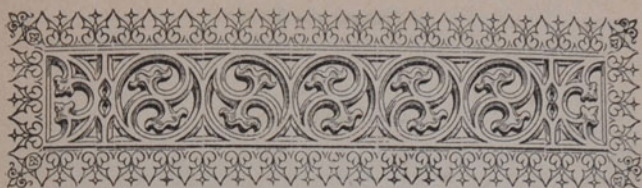
Loucuras, que então pensei,
Mal reprimidas, a custo!
Fui viver d'aquelle adeus,
D'aquelle silencio augusto.

Coração louco!
Tudo te chega,
Vives de pouco!

CCCXXXIII

Que cousas dizes, silencio!
Não soube se ella as ouviu.
Sei que outro instante d'aquelles
Nunca mais se repetiu!

Dia risonho,
Já tão distante...
Parece um sonho!



As andorinhas do solar

O POETA

Andorinhas, que fizestes
Os vossos ninhos, na beira
Da cornija, a que não chego,
Nem já chega a trepadeira;

Inda sois minhas,
As d'outros tempos,
O' andorinhas ?

AS ANDORINHAS

Somos as mesmas, bem vês ;
Bem nos lembramos de ti ;
Trazemos jasmims do Cabo
Às assucenas d'aqui.

Fortuna amiga
Proteja a casa
Que nos abriga.

O POETA

Então, dizei-me, andorinhas,
Por caridade, dizei :
Se vistes sempre feliz
Aquella a quem tanto amei ?

A que é luzeiro
D'este solar
Hospitaleiro ?

AS ANDORINHAS

Essa, que trazes na mente,
Por quem andas perguntando,
Quanta vez a temos visto,
Tristes lagrimas chorando!

Vêem-a assim,
Dahlias e rosas,
Todo o jardim!

O GOETA

Andorinhas, só de ouvir-vos,
Se me parte o coração;
Serão cuidados de amor?
Os seus cuidados quaes são?

Amigas minhas!
Dizei-m'o breve,
Ó andorinhas!

AS ANDORINHAS

Aqui, no velho solar,
Ao pé de nós entristece ;
Mas os cuidados que a minam,
Ninguém no mundo os conhece.

A nós nos diz
O instincto só ;
Não é feliz !

O POETA

Estas paredes são negras,
Estes bosques inimigos ;
Deixae, deixae, andorinhas,
Os vossos ninhos antigos.

Onde voaes ?
O que passou
Não volta mais.

AS ANDORINHAS

Quem tem coração de mãe,
Nunca o ninho abandonou,
Onde os filhos lhe nasceram
E a mocidade passou.

Azas no ar!

Adeus, poeta!

Voar! voar!

CCCXXXIV

Se agora, em meio da vida,
A morte ousasse levar-te,
Meu pensamento soberano
Iria resuscitar-te.

Tirar-te-hia,
A' mão da morte,
Cruel e fria!

CCCXXXV

Imagino a morte d'ambos,
E não me causa pavôr!
Se nós já mortos estamos
Em um sepulchro de amor!

Com tal amar,
Morrer o que é?
Continuar.

CCCXXXVI

Morta a sonhei... Sobre o esquife
A luz de um cirio descia ;
Mais branca não pôde ser...
Sómente um pouco mais fria.

Fogo de Vesta!
Reaccendi-te
Na sua testa.

CCCXXXVII

Queimei os labios no gêlo,
Bateu-me o pulso mais forte ;
Era o meu beijo primeiro
Para o noivado da morte.

Os outros, hade
Minh'alma tel-os
Na eternidade!

CCCXXXVIII

Morta a sonhei... Corpo branco,
Em setins amortalhado.
Noiva, de gazes cingida
Para o segundo noivado!

Neves! arminhos!
Cantos de nupcias...
E os dois sósinhos!

CCCXXXIX

No sol, intenso fulgor;
O azul, sem nuvens, sem veu;
Agora, os anjos do amor
Sorriam todos no ceu!

Rendas! setins!
Corpo de cêra
Entre jasmims!

CCCXL

Morta a sonhei... Puro jaspe,
Sobre outro jaspe extendida;
Sorria, viva, na morte,
A que foi morta na vida.

Estatua fria,
Que eu só velava,
Que eu protegia!

CCCXLI

Deixa-me, sonho, sonhar-te!
Goso egoista, tão breve!
Ondas, espumas de prata,
Velludos feitos de neve!

Nivea capella;
Um rumor d'azas
Em torno d'ella!

CCCXLII

E enquanto andaveis voando,
Ouvistes, anjos do empyreo,
O som de uns labios pousando
Sobre a pureza de um lyrio.

Beijo sagrado
De amor, na morte
Sanctificado!



Bêlos

I

Um dia... Estava ao seu lado.
Que tarde rósea d'abril!
Vi-a saudar, com agrado,
Um cavalleiro gentil.

Imagens tredas!
Ardia o ceu
Em labaredas!

2

Depois, no baile, uma noite,
Minh'alma dilacerou;
Levava-a, doida, valsando,
O tal, que um dia a saudou!

E vi, então,
Phantasmas negros
Em turbilhão.

3

Como elle a aperta e fascina!
E' novo, altivo e galan!
De amor desmaia Rosina,
Nos braços de *Don Juan*!

O' morte, esmaga-o!
Abysmo, engole-o!
Inferno, traga-o!

4

Elle, apertada, nos braços,
Languidamente a conduz ;
Ella, suspende-a n'um philtro
O seu olhar de andaluz !

Eu, louco, espreito ;
Ninho de viboras
E' já meu peito !

5

Em torno, tudo escurece !
Sombras ! phantasmas ! horrores !
Sinto o *Conviva de pedra*
Andando nos corredores.

Doido valsar !
Portas abri-vos !
Deixal-o entrar !

6

Como elle a abraça, e perturba
Na valsa eterna, sem fim,
Olhos pregados na alvura
Dos seus hombros de marfim !

Sonho tremendo !
Parece fogo,
Que a vae bebendo !

7

Jasmim de cêra embebido
Em tons ligeiros de rosa !
Eburneo feixe de rendas,
Nuvem de prata espumosa !

Quanto a realça,
No giro doido,
A valsa ! a valsa !

8

Tentações devoradoras !
Quizera agora, — meu Deus ! —
Ir arrancar-a a seus braços
E desfazel-a nos meus !

Chamma de amor !
Purifical-a
No meu calor !

9

Entram perfumes na sala,
Ri, nos espaços, a lua,
Gemem violas ao longe,
Ha serenatas na rua !

Longe a manhã ;
Noite propicia
A *Don Juan* !

10

Da valsa a louca vertigem
Turva, escurece a razão...
Rosa, que ha pouco lhe dei,
Jaz desfolhada no chão.

Sigo, ligeira,
Das rubras pétalas
A longa esteira.

11

Fugaz estrella que deixa
Rasto carmineo no ceu!
Parecem pingos de sangue,
Que o meu coração verteu.

Não vos contei
Ardentes lagrimas,
Que, então, chorei!

12

Giram nervosos os pares,
A valsa tudo estonteia !
Entra, marmoreo conviva,
Senta-te á mesa da ceia !

Parado ahi !...

Vê *D. Juan*

A rir de ti !

13

Porém, que vejo ? não tremes ?
Que fria pedra ! que horror !
Agora, estatua, sorrís ?
Agora, que é minha a dôr ?

Velho indulgente,

Sou eu que soffro...

Já estás contente !

14

Noite propicia de lua !
Embalsamados jardins !
Leves escadas de seda,
Guitarras e bandolins !

E a flôr louçã,
Queimada ao peito
De *Don Juan*.

15

E a valsa corre incessante ;
Eil-a, redobra de ardor !
Tudo me fala de sangue,
Tudo lhe fala de amor !

Cegae . . . mas quando ?
Olhos de lume,
Que a vão queimando !

16

Tormentos novos do horrendo,
Do abysmo ignotos martyrios;
Vejo phantasmas, correndo
A' luz mortica dos cyrios.

Ao longe, escuras,
Cruzes funereas
E sepulturas!

17

Pendem nas altas paredes
Pannos negros de veludo;
Dizem vozes soluçantes:
«Acabou se tudo, tudo!»

Quem me aniquila?...
O' *Dies irae!*
O' *Dies illa!*

46

18

Porém, a valsa prosegue
Embalada em violinos ;
Volupias ! gózos supremos !
Doces requiebro divinos !

Lá vae, febril !
Como é formosa !
Como é gentil !

19

Florente alvura jasminea,
De alpinas neves irmã ;
Queimas a pelle setinea
Nos olhos de *Don Juan* !

E' plena a festa !
Propicia noite !
Noite funesta !

20

Calam-se as notas ligeiras ;
A luz dos lustres descae ;
Ao longe, sombras volteiam ;
Lá vae, fugindo, lá vae !

Que sombra a leva,
A ella, sombra,
Além... na treva ?

21

Perdes-te, ao longe, esvaída,
Sombra impalpavel e vã !...
Leva-te ao mundo das sombras,
A sombra de *Don Juan* !

Dia risonho !
Febre... passaste !
Foi tudo sonho !

Alma, socega, foi sonho ! . .
Porém, que negra impressão
Ficou, de um sonho, de um nada,
Dentro de ti, coração !

Fugiu, voou ;
Porém, seu rastro
Jámais passou !



Ballada da Barca do Amor

I

Chega, adorada, á janella,
Que a noite dissipa as maguas ;
A lua nasceu agora,
Transformando em oiro as aguas.

Quanto fulgor !
Lá vae a barca
Do deus Amor !

2

Anda a barca sobre as ondas.
Como a noite lhe sorri !
Traz vela tecida a prata,
E veleja para aqui.

O' barca bella !
Parae um pouco,
Saudae-a a ella !

3

Da amurada são pendentés
Os brocados e os setins ;
Lumes vivos, multicôres,
E grinaldas de jasmíns.

Mas que fulgor !
Bemdita a barca
Do deus Amor !

4

Traz das Náíades o côro,
Reluzindo espumeos veus,
E docel bordado a estrellas
Em veludo azul dos ceus.

O' barca bella!
Cantae agora...
Cantae por ella!

5

Como cantam sobre a tolda!
Que sentida melopeia!
O solau da Tentação,
Em gargantas de sereia!

Quanto fulgor!
Leva-me, ó barca
Do deus Amor!

6

Mas a barca volta a prôa ;
Dá-lhe em cheio a lua agora ;
Véla argentea solta á brisa !
Adeus, barca ! vaes-te embora !

O' barca bella !
Já vaes ao largo ;
Deixaste-a a ella !

7

Que tristes canções dizia !
O meu coração chorou.
Corta a barca as ondas d'oiro . . .
Foi Amor, que já passou.

Foi-se o fulgor !
Não voltes, barca !
Adeus, Amor !

CCCXLIII

Poema escripto sem arte,
Erguido, ás vezes, com gosto ;
Com que prazer te queimava,
Agora, que estás composto !

Perguntarei
Porque o não faço ?
Não sei!... não sei!

CCCXLIV

Porque não te resisti ?
Bem mal andei, tentação !
Atirar aos pés do mundo,
Vivo, inteiro, o coração !

A conhecer,
Que ha de pisal-o...
Sem mesmo o vêr!

CCCXLV

Evoquei-vos, para quê?
Palpitações, que findaram,
Ondas, que ha tanto morreram,
Brisas, que ha muito passaram!

Canções sonoras!
Rosas antigas!
Manhãs! auroras!

CCCXLVI

Noites fulgentes de luz
Crepuscular, indecisa;
Recordações vacillantes,
Que a saudade idealisa;

Cousas passadas,
Talvez vividas,
Talvez sonhadas!

CCCXLVII

Inebriantes perfumes
De primaveras formosas ;
Sonhos, que outr'ora preendi
Em torres maravilhosas !

Não sei, não sei,
Anceios d'alma,
Porque os soltei !

CCCXLVIII

Não foi por causa do mundo ;
Não, mundo, não foi por ti ;
Zombei das tuas algemas,
Gritavas, mas não te ouvi.

Humilde ou nullo,
Não me revolto,
Mas não te adulo.

CCCXLIX

Dá-me palmas ; dá-me espinhos ;
Acceito, seja o que fôr ;
Não sei andar nos caminhos,
Por onde anda o teu louvor.

Saber profundo !
Já não o aprendo ;
E' tarde, mundo !

CCCL

Não lhes pedi que se abrissem,
Corações ; não lh'o pedia ;
Eu bem sei que são de pedra,
E que nada os abriria.

Canto sentido,
Palavras magicas,
Tudo é perdido !

CCCLI

Tudo esteril, tudo inutil ;
Bem o sabeis, canções ;
Não ha trabalho mais duro,
Que enternecer corações.

Tão duro, que é
Mais que loucura
Tental-o, até.

CCCLII

Babel das almas, confusa,
Torre eterna, fortaleza,
Poderia assediá-
te
E tomar-te por surpresa !

D'outros, subtis,
Processos vejo,
Conheço ardís.

CCCLIII

Teem palavras que deslumbraam,
Phrases d'oiro, ás mãos cheias,
Sem trabalho de sentido,
E sem despeza d'ideas.

Tudo a seu geito,
Nuvens de gloria,
E bom proveito.

CCCLIV

Caminho das palmas faceis,
Fica em paz ; não te segui ;
Só na lyra de tres cordas
Os meus cantos desprendi.

Tres só... mas dão
A escala toda
Do coração.

CCCLV

E fechar um'alma inteira,
N'uma nota que a traduz,
E' condensar, n'uma perola,
De um sol os jorros de luz ;

E' dar, n'um grito,
A escala immensa
Do Infinito !

CCCLVI

Melodias, melodias,
De que os bosques estão cheios,
Não são feitas só de trilos,
São-o, tambem, de gorgeios.

E tudo adeja,
Por mais humilde,
Por mais, que seja.

CCCLVII

Cantos plenos de mysterios,
Delicados hymnos santos ;
Não são da terra os imperios,
Por onde andastes, meus cantos.

Sempre de ti,
O' realidade,
Fugi, fugi.

CCCLVIII

Mundo ideal, mundo phantastico ;
Noites claras como os dias ;
Em florestas de esmeralda
Ouço eternas symphonias.

Sob o luar,
Alados sonhos,
Que eu sei crear.

CCCLIX

Perco a mente pelo azul ;
Lá vae um sonho passando,
Do carro eburneo, que o leva,
Faiscas d'oiro soltando.

Durou, coitado,
O tempo apenas
De ser sonhado.

CCCLX

E d'este poema, findo,
Quem sabe quanto durou,
O sonho d'alma dilecto,
Que a minha lyra cantou?

Quem me assegura,
Se já morreu,
Se ainda dura ?

CCCLXI

Canto meu, quem sabe lêr-te ?
Quem póde, acaso, afirmar
Se és todo... pura ficção,
Se és todo... simples sonhar ?

Quem sabe ahi,
Se te sonhei,
Se te vivi !

CCCLXII

E como ha de alguém saber-o,
Se o não sei, talvez, eu já ?
Se ella propria nunca o soube,
Nem jámais o saberá ?

Ella... mulher !
Talvez se engane,
Se o suppozer !

CCCLXIII

Pense o mundo o que entender,
Tudo ou nada... Vou cantal-a ;
Porque um'alma de poeta
Ninguém póde penetral-a.

Repetirei :
N'isto govérno,
Aqui sou rei.

CCCLXIV

Não subas tanto, vaidade !
Modera o vôo ; suspende !
Porque um'alma de poeta...
Nem a si mesma se entende.

Sou rei !.. Ousado !..
Sou rei vencido ;
Rei algemado.

CCCLXV

Phantasmas, visões, espiritos,
Sou comvosco ; porém só ;
Subo a ti, mundo dos sonhos,
Pela escada de Jacob !

Mansões divinas ;
Esferas lucidas
E cristallinas !

CCCLXVI

Rompo a nuvem transparente
Que o ceu, da terra divide ;
Subo a ti, mundo do bello,
Pela torre de David !

Nuvem de tul,
Visões de gaze,
Além ! no azul !

CCCLXVII

Sou comvosco, ethereas fórmãs
Longe, esquecido, afinal,
De tudo quanto é terreno,
De tudo quanto é real.

Vejo-te, ainda,
Belleza eterna,
Pureza infinda.

CCCLXVIII

Lá vae n'um vago de nuvens,
Que a luz sempiterna inflamma,
Ella, o conjuncto das graças,
Que o ceu por todas derrama!

O Bello ! o Bem !
Foi obra minha . . .
Sou Deus tambem !

CCCLXIX

Formei-a d'essências magas ;
Juntei-lhe virtudes santas ;
A formosura... só d'ella,
Porém os dotes... de quantas ?

Aos ceus levei-a ;
Ergui-lhe altares ;
Depois, cantei-a.

CCCLXX

Viva estrella, reflectindo
A luz das outras, immensa ;
Rosa, que o doce perfume
De todo o rosal condensa.

Graça exhalada
De quantas ?.. N'uma
Cristallisada !

CCCLXXI

Por ella aprendi de amor
O canto eterno, divino ;
Por ella amei-te, Mulher !
Cantei, n'ella, o Feminino !

E, n'ella, canto
A Graça eterna,
O eterno Encanto.

CCCLXXII

Seduções de estrellas novas,
E d'outras, que já fugiram...
E' como um cristal sem mancha
Onde todas se remiram.

Grata miragem !
Unidas, — quantas? —
Na mesma imagem !

CCCLXXIII

Riso puro dos seus labios,
Em quantos labios se abriu ?
Luz divina dos seus olhos,
Em quantos olhos fulgiu ?

Feita e refeita
De quantas almas,
Alma perfeita ?

CCCLXXIV

Se até mesmo, bem olhado,
E' facil reconhecê-lo,
No seu coração gelado,
De tantas outras o gêlo.

Seja o que fôr...
Ha tudo n'ella...
Menos amor.

CCCLXXV

Perfeições de estatuas mil,
No mesmo mármore juntei-as ;
Mas falta-lhe, apenas, sangue
A circular-lhe nas veias.

De luz vestida,
E' pura, é bella ;
Mas não tem vida !

CCCLXXVI

Graça, belleza, harmonia,
Tranquillidade dos ceus,
Dá-lhe tudo a phantasia...
A chamma interna, só Deus !

Tal é, fiel,
A Galathéa
Do meu cinzel.

CCCLXXVII

Vejo, na luz do poente,
Reminiscencias da aurora ;
Coração, que já viveste,
Coração, descança agora !

Declina a vida ?
Não te inquietes,
Alma dorida !

CCCLXXVIII

Amaste longe da terra ;
Olhaste, mudo, as estrellas ;
Sentiste phrases de amor ;
Mas não soubeste dizel-as.

Socega, acalma ;
Não mais palpites ;
Descança, ó alma !

CCCLXXIX

Não serás louvado, amor,
Nem has de ser percebido;
E' contra o juizo humano,
Amor não retribuido.

No mundo, vê-se,
De amor ao lado,
Sempre o interesse.

CCCLXXX

Se até mesmo o crente, em extase,
Não queima incensos em vão;
Pois do Deus a quem adora
Exige retribuição.

E se Elle a esquece,
Modéra o culto,
Retira a prece.

CCCLXXXI

Sabedoria dos homens,
Lavraste, ha muito, a sentença :
Não ha loucura mais louca
Do que amor sem recompensa.

Louco serei ;
Não me arrependo,
Assim amei.

CCCLXXXII

Banhei minh'alma em fulgores;
Cerrei os olhos ; dormi ;
Prendi-me em laços de flores,
Que eu mesmo, alegre, teci.

Contente vivo ;
Algemas roseas
Me tem captivo.

CCCLXXXIII

Meiga fada encantadora,
Quem te deu virtudes tantas?
Corações, se os encantaste,
Nunca mais os desencantas.

Por isso o meu,
O eterno encanto
Jámais perdeu !

CCCLXXXIV

Feiticeira, tens feitiços ;
Olhos tens de bom olhado :
Coração onde elles desçam,
Fica logo enfeitiçado.

Senhora, sei,
Que ao meu desceste,
E assim fiquei.

CCCLXXXV

O' mocidades! ó noites,
Em que os meus olhos se erguiam,
Interrogando as estrellas,
E as estrellas respondiam!

Agora, escuras,
Emmudeceram...
São sepulturas!

CCCLXXXVI

Manto negro, constellado;
Toda a cupula brilhando;
E nós ambos, lado a lado,
Os astros do ceu contando!

Lembrança triste!
Eu era Amor...
E não me viste!

CCCLXXXVII

Horas negras de mau fado,
Se as tiveste . . . bem as vi ;
Viu-te, sempre, o meu cuidado . . .
Mas não reparaste em mim !

Visão celeste !
Fui a Ventura . . .
E não soubeste !

CCCLXXXVIII

Por ti nasceram meus versos,
Por ti sahiram do nada,
E se algum brilho os realça,
Tu lh'o dás, Innominada !

Dás-me, tambem,
Do canto a gloria,
Se canto bem !

CCCLXXXIX

Harpa, em teu nome tangida,
Se alguma vez acertou,
Não foi por arte sabida,
Foi Amor que a inspirou.

Harpa divina !
Se canta bem,
Amor a ensina.

CCCXC

Mente em trevas ! noite escura !
Mas, de repente, surpresa !
Eis, de novo, a chamma pura,
Em teus olhos reaccesa !

São elles, são,
A eterna fonte
Da inspiração.

CCCXCI

Quem lêr acaso estes versos,
Pensará, quero suppor,
Como foi que sob a neve
Se conservou tal calor!

E quem dissera,
Que sob o gelo
Ruge a cratera?

CCCXCII

Desde a nossa adolescencia,
Amei a quem ella amou ;
Fui d'elles tambem amado,
Chorei-os quando os chorou.

Lgrimas ! Sei
Que de vós, sempre,
Participei.

CCCXCIII

Aos pés de um leito funereo
Eu, condoído, velava ;
Ella, junto á cabeceira,
De joelhos, soluçava.

Amor egoista !
Que tinhas goso
N'aquella vista !

CCCXCIV

Com que doçura infinita
Lhe ajudei as mãos mimosas
A deitar o morto querido,
Sobre almofadas de rosas !

Argentea cruz,
Nas mãos geladas,
Fui eu que a puz !

CCCXCV

Rosto sereno, tranquillo,
Que me parece estar vendo,
O amor d'ella, o meu carinho,
N'um sorriso agradecendo.

Alma voando ;
Talvez os dois
Abençoando.

CCCXCVI

Sorriso d'alem da campa,
Sorriso banhado em luz,
Visto por ella, por mim,
E visto por ti, Jesus!

Fôra divino,
Se os dois unira
N'um só destino.

CCCXCVII

Douradas perpetuas funebres,
Altar de roxos matizes ;
Deposta em negro ataude,
Por ella, uma cruz... de lizes.

Por todo o espaço
Festões de rosas
Do seu terraço.

CCCXCVIII

Mas, triumphante da morte,
Eu vi, celebrando Amor
Uma especie de consorcio,
Apertado pela dôr.

O' quadro triste !
O' noite, ó noite,
Porque fugiste ?

CCCXCIX

Quanta vez ao céu pedi
Me concedesse a mercê
De acordar, abrir os olhos,
Deixar tudo... Para que ?

O céu clemente,
Quiz que eu sonhasse
Constantemente.

CD

Que doce vêl-a surgir !
Que triste vêl-a afastar,
Levando meus olhos presos,
Vestida toda de olhar !

Têl-a segura,
Em pensamentos...
Pela cintura !

CDI

Foste impossível, voaste ;
Perdi-te... Sorte commum !
Dos impossiveis na conta,
Tu foste apenas mais um.

Visões sombrias !
A's vezes, penso
Que o não serias !

CDII

Visões que a mente dissipa
Quando perdida vagueia,
Na floresta de impossiveis,
Que a nossa vida rodeia.

Pomar infindo,
De fructos d'ouro
A's mãos fugindo.

CDIII

Sonho d'esperança illusorio,
No qual tão fundo se vive,
Que eu vejo que me não foges,
Esperança... que nunca tive!

Nuvem raiada,
Feita de fumo,
Feita de nada.

CDIV

Que vida immortal a minha,
Se em teu peito eu fosse emfim,
Em vez de ser o que sou,
Uma lembrança de mim!

A fórma, em summa,
De ter as almas
Ligadas n'uma!

CDV

No desencontro em que andámos,
Fugiu o tempo, esvaiu-se ;
Se era destino... faltámos,
Se foi um dever... cumpriu-se.

O resto é só
Descer á terra,
Cahir no pó.

CDVI

Lgrimas! quando vierem
Dias de longo chorar...
Se te lembrasses de mim...
Se eu t'as pudesse enxugar...

Outra chimera!
E' d'esse dia,
Que eu ando á espera.

CDVII

Pudesse eu vê-la, milagre !
Um dia emfim, não sei quando,
Os olhos seus orvalhados,
E os seus lábios murmurando :

Soffre comigo,
Alma d'irmão,
Alma d'amigo !

CDVIII

Que effeito produziriam,
Essas palavras suaves ?
Gottas d'orvalho no estio,
Ligeiro fremito d'aves !

Amor ! carinho !
Azas de mãe,
Cobrindo um ninho !

CDIX

Nos prantos, que a furto esconde,
E que derrama sósinha,
Deplora a sorte que teve...
A sua deploro... e a minha.

Ambas deploro;
Mas d'olhos seccos,
Que eu já não choro.

CDX

Ditoso quem, pela estrada
Da vida seguiu tranquillo,
Tendo uma esperança a chamal-o,
E uma estrella a conduzil-o!

E eu pude vê-la,
A minha esperança,
A minha estrella!

CDXI

Sempre ignota, sempre ! quando
Fôra d'alma intenso agrado,
Vêr seu nome entre as estrellas
Na luz d'ellas desenhado !

Entre luzeiros ;
De luz enchendo
Os ceus inteiros !

CDXII

Por todo o resto da vida,
Quer o percebas, quer não,
Será contigo este livro...
Se tiveres coração !

Mais estimado,
Que um *Livro d'Horas*,
Illuminado.

CDXIII

Echos de um tempo distante,
Sombras de antigas visões !
Tendes voado bastante,
Fechae as azas, canções !

Sonhos d'outr'ora,
Pousae na terra,
Descei agora !

CDXIV

Ide, meus versos ligeiros,
Notas da lyra singela,
— Qual bando de toutinegras, —
Pousar na sua janella !

Celeste bando,
Ficae, ficae,
Ali, cantando !

CDXV

Deixae-lhe escutar, apenas,
D'azas um leve rumor,
Queixas, no vago, serenas,
Doces requébros de amor.

De noite e dia,
Dizei-lhe sempre...
O que eu diria.

CDXVI

E vós, meus sonhos, perdei-vos
Nos palacios do Ideal,
Construidos sobre nuvens,
Em columnas de cristal.

Mansões formosas ;
Alhambras d'oiro,
Maravilhosas !

CDXVII

E aquella que eu tanto amei,
Em tempo volvido já,
Que o não soube, nem suspeita,
Nem jámais o saberá ;

Que eu vi, de leve,
Por sobre amor,
Deitando neve ;

CDXVIII

Para que fique uma sombra
Do que o tempo, emfim, consome,
Aqui ficará jazendo,
Em sepultura sem nome ;

Bella, sem vida,
Eternamente
Desconhecida !



Parabola do Bello Eterno

1

No templo eterno do Bello,
Vive, n'um throno sentada ;
Entre um cortejo de auroras,
De soes e estrellas c'roada.

Eis a visão !
A'vante ! ávante !
Aspiração !

2

Deslumbramento da vista !
Como o seu templo reluz !
Sobre degraus d'amethysta,
Erguem-se escadas de luz.

Formosas palmas,
Virentes sempre,
Tentando as almas !

3

Ali não ha sacerdotes,
Nem ha discussões argutas ;
E' sacerdote quem chega,
Vencidas todas as luctas.

Eis a visão !
A'vante ! ávante !
Aspiração !

4

Vão apontando o caminho
Os olhos d'uma creança,
Vestida toda de verde...
Vestida toda de esperança!

Eil-a, subindo;
Rosas celestes
No azul abrindo!

5

Sob jardins de disfarce,
Em que os olhos se deleitam,
Ha precipicios horrendos,
D'onde demonios espreitam.

Eis a visão!
A'vante! ávante!
Aspiração!

6

D'ambos os lados da estrada,
Quanto sorrir tentador!
Bosques verdes de esmeralda
Onde nos vence o torpôr.

Clarões de aurora,
Que o sol retinge,
Que o Amor enflora!

7

Vence a uns, breve, o desanimo,
E muitos cançam depressa;
Gigante, que morda o pó,
Ergue-se, e a lucta não cessa.

Eis a visão!
A'vante! ávante!
Aspiração!

8

Alma! vae sempre subindo!
Vae, sempre, sempre, avançando!
Vês o estertor dos vencidos,
E gladiadores luctando?

Lucta cruenta!
Segue! Não pares,
Alma sedenta!

9

Sempre em frente, sempre acima!
Ergue-te, ó alma impolluta!
Aos pés da deusa só chega
O que é vencedor na lucta!

Eis a visão!
A'vante! ávante!
Aspiração!

Mas que voz soturna é esta?
Ninguém a ouve, inda bem!
«Loucos! deixae o combate,
Que lá não chega ninguém!»

Acima! avança!
Ergue-te, ó alma!
Lá vae a Esperança!



INDICE DO TOMO II

	Pag.
<i>Rapariga, na rua, cantando</i>	385
Canção das azas brancas.....	387
Attricção.....	391
<i>Romance da castellã namorada</i>	393
Hymno á noite.....	415
Ceus estrellados.....	421
Barcarola de Graziella.....	625
Fins de junho.....	629
Os cavalleiros do Ideal.....	641
<i>Rudello, o trovador</i>	642
<i>O castellão de Coucy</i>	649
A Senhora da Nazareth.....	661
Serenata dos Mendigos.....	673
O caminho da vida.....	679
A torre do amor ideal.....	685
Salve!	691
As andorinhas do solar.....	703
Zêlos.....	713
Ballada da barca do Amor.....	725
Parabola do Bello Eterno.....	767



~~Handwritten scribbles and a small 'a'~~

Handwritten cursive letters: 'b', 'p', 'h', 'a'

Handwritten cursive letters: 'p', 'm', 'a', 'a', 'a', 'a'

Handwritten signature in black ink, likely the author's or printer's name, written in a cursive style.

ACABADO DE IMPRIMIR

Aos 22 de Fevereiro de mil oitocentos e noventa e quatro

NOS PRELOS DA

TYPOGRAPHIA E STEREOTYPIA MODERNA

PARA

ANTONIO MARIA PEREIRA, EDITOR

50, 52 — Rua Augusta — 52, 54

LISBOA

Small handwritten mark or signature.

Large handwritten signature in black ink, likely the printer's name, written in a cursive style.

